

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ENGENHARIA DE PRODUÇÃO

ÊNFASE EM INFORMÁTICA NA EDUCAÇÃO

INTERNET E PERSONALIDADE

Perfil da personalidade do adolescente usuário da internet

DISSERTAÇÃO DE MESTRADO

ORIENTADORA: ALICE THERESINHA CYBIS PEREIRA, Ph.D

ORIENTANDA: LEILA FERREIRA ETO

2001

INTERNET E PERSONALIDADE

PERFIL DA PERSONALIDADE ADOLESCENTE USUÁRIO DA
INTERNET

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ENGENHARIA DE PRODUÇÃO
ÊNFASE EM INFORMÁTICA NA EDUCAÇÃO

INTERNET E PERSONALIDADE

O PERFIL DA PERSONALIDADE DO ADOLESCENTE

USUÁRIO DA INTERNET

Leila Ferreira Eto

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-

Graduação em Engenharia de Produção da

Universidade Federal de Santa Catarina

como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Engenharia de

Produção

2001

Leila Ferreira Eto

INTERNET E PERSONALIDADE

**PERFIL DA PERSONALIDADE DO ADOLESCENTE USUÁRIO DA
INTERNET**

Esta dissertação foi julgada e aprovada para a obtenção do título de Mestre em Engenharia de Produção no Programa de Pós-graduação em Engenharia de Produção da Universidade Federal de Santa Catarina.

Florianópolis, 29 de junho de 2001.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Alice Theresinha Cybis Pereira, PhD

Orientadora

Prof. Roberto Moraes Cruz, Dr.

Prof. Sergio Scotti Dr.

Aos meus pais e irmãos, pelo apoio.

Ao meu marido e à minha filha Clara Nina, pela tolerância.

Ao meu filho que vai nascer, pela paciência de esperar .

À Deus pela dádiva de ter à todos eles.

AGRADECIMENTOS

À Universidade Federal de Santa Catarina,

À Orientadora Prof. Alice Theresinha Cybis Pereira,

PhD, pelo acompanhamento.

Ao Prof. e orientador Fialho, pelo carinho e dedicação,

e pelo brilhante apoio às correções do meu trabalho.

Aos professores do Curso de Pós-Graduação.

A todos que direta ou indiretamente contribuíram

para a realização desta pesquisa.

RESUMO

ETO, Leila Ferreira. Internet e Personalidade. O perfil da Personalidade do adolescente usuário da Internet. Florianópolis, 2001. 119 f. Dissertação. (Mestrado em Engenharia de Produção) – Programa de Pós Graduação em Engenharia de Produção, UFSC, 2001.

A adolescência é o período de vida onde acontecem as maiores transformações, tanto orgânicas, quanto psíquicas. Por este motivo, o indivíduo se torna vulnerável a todos os estímulos externos, sendo completamente influenciado por eles. Devido a isso, os fatores da personalidade, como por exemplo, a agressividade, a sociabilidade, a forma de lidar com a afetividade, etc, podem sofrer alterações, de acordo com o as influências exteriores. O objetivo do nosso trabalho, é provar que os estímulos externos, liderados pela tecnologia e principalmente pela Internet, bombardeiam o adolescente de uma tal forma, que as suas ações no mundo, podem ser alteradas. Para alcançarmos este objetivo, utilizamo-nos dos testes psicológicos. Testamos um grupo de 50 adolescentes de classe média, usuários assíduos de Internet, e um grupo de controle, de 50 adolescentes não usuários. Pudemos assim, concluir que realmente alguns fatores da personalidade são alterados, principalmente, no que diz respeito a socialização, a dependência externa, a auto-confiança e a forma de lidar com a afetividade.

Palavras-chaves :

- Adolescência
- Personalidade
- Internet

ABSTRACT

ETO,LEILA FERREIRA- Internet and Personality. The Personality Profile of the Adolescent User of Internet. Florianópolis, 2001. 119 f. Dissertation. (Master in Engineering of Production)- Post – Graduation in Engineering of Production, UFSC, 2001.

Informative Summary in English

The adolescence is the period of life where the biggest transformations happen. For this reason, the individual becomes vulnerable to external stimulus, being completely influenced by them. Due to these facts , the factors of the personality, for example, the aggressiveness , the sociability, the way to deal with the affectivity,etc, can suffer alterations, according to the external influences.The aim of our work is to prove that the external stimulus led by the technology and mainly by the Internet has bombed the adolescent in a way that his/her actions in the world can be altered.To achieve this aim, we have used psychological tests. We have tested a group of 50 middle-class adolescents, sedulous users of the internet, and a group of control, 50 non-users adolescents, and we have been able to conclude that some factors of personality are really altered, mainly, concerning to the socialization, the external dependence, self- confidence and the way to deal with the affectivity.

Key-Words:

- Adolescence
- Personality
- Internet.

INDICE

1. Introdução.....	pg 1.
1.1.Delimitação do problema e justificativas.....	pg 1.
1.2.Hipótese da pesquisa.....	pg 3.
1.3.Objetivos.....	pg 4.
1.3.1. Geral.....	pg 4.
1.3.2. Específicos.....	pg 4.
1.4.Metodologia empregada.....	pg 5.
1.5.Estrutura da dissertação.....	pg 5.
2. Adolescência, Personalidade e Inteligência.....	pg 7.
2.1 . A Adolescência.....	pg 7.
2.2 . A personalidade.....	pg 20.
2.2.1. Métodos de Estudo da Personalidade.....	pg 24.
2.3 . A Inteligência.....	pg 25.
3. Testes Psicológicos.....	pg 29.
3.1 . Sobre os Testes Psicológicos.....	pg 29.

3.2 . Testes de Personalidade.....	pg 34.
3.3 . O Teste 16 PF de Cattelle.....	pg 41.
3.4 . O Estado da Arte do Teste 16 PF de Cattelle.....	pg 59.
3.5 . A Questão Ética da Testagem Psicológica.....	pg 66.
4. Internet.....	pg 70.
4.1.A Internet.....	pg 70.
4.2. A utilização da Internet na Escola.....	pg 77.
5. Pesquisa de Campo.....	pg 80.
5.1 . A Pesquisa de Campo.....	pg 80.
5.2 . Análise dos resultados.....	pg 81.
5.3 Demonstração gráfica dos Fatores do 16 PF. Resultados da Pesquisa.....	pg 89.
5.4 Descrição e análise dos Gráficos.....	pg 106.
6. Recomendações e Conclusões.....	pg 110.
7. Bibliografia.....	pg 113.
8. Anexo – Questionário da Pesquisa.....	pg 116.

CAPÍTULO I

INTRODUÇÃO GERAL

1.1 – DELIMITAÇÃO DO TEMA

É fato que a adolescência é o período mais conflituoso do desenvolvimento humano. Considerada como o segundo nascimento (FERRARI, 1996), estabelece uma nova ordem que exige do adolescente, não apenas o domínio do corpo infantil, mas a efetivação da construção de sua identidade, marcada por diversas crises, sejam de ordem cultural, sexual, familiar, religiosa, emocional, etc. Nesse momento, é tarefa a ser cumprida pelo adolescente atingir a maturidade brevemente. Todavia, ele se depara com a realidade de não ser mais criança e não adquiriu ainda, sua referência como adulto. Isso pode deixá-lo vulnerável às influências do seu meio e da cultura.

As tecnologias atualmente cercam o homem por todos os lados: são carros inteligentes, eletrodomésticos que se reabastecem através do controle do computador, sem a necessidade de interferência do dono, aparelhos que

conversam com o usuário e que o põe em contato com o mundo inteiro, num simples apertar de botões. O globo terrestre se torna pequeno diante das novas formas de tecnologias.

A Internet é uma das mais inovadoras invenções desse final de século. Esta rede de informação através de computadores distribui as comunicações para o mundo inteiro em tempo real, unindo povos e culturas. A Internet assim interfere na cultura e nos costumes das pessoas, a partir do momento, em que mostra novas formas de viver, e que facilita a vida. O que se via apenas no cinema há dez anos começa a fazer parte do cotidiano.

Já é realidade, para alguns poucos, não precisa sair de casa para fazer compras, estudar, trabalhar e para comunicar-se com as pessoas. O shopping se apresenta na tela de seu computador, o professor comunica-se com o aluno por vídeo conferência, sem que este necessite andar quilômetros para adquirir seus conhecimentos. Da mesma forma, as amizades podem acontecer virtualmente, as aparências físicas são passíveis de serem imaginadas e criadas, tudo passa pela imaginação.

O adolescente, inserido nessa cultura repleta de tecnologias diversificadas, tende a ser modificado por elas, na sua forma de pensar, de agir e até mesmo de sentir. Com as dificuldades de se inserir no mundo, o contato virtual torna sua vida mais fácil. Ele pode ser quem quiser, pode assumir as características físicas que mais lhe agradarem, pode se passar por qualquer outra pessoa que não seja ele mesmo, e assim, pode se adaptar com mais facilidade ao seu novo mundo virtual. Isto de certa forma, facilita o seu relacionamento com o mundo real, mas por outro lado, cria um

mundo fictício, do qual ele terá dificuldades para sair e enfrentar o seu mundo real.

O trabalho, ora apresentado, propõe-se lançar um olhar sobre esse sujeito, do ponto de vista da possível influência do uso das tecnologias de comunicação, especificamente a Internet, na personalidade do adolescente usuário. Se a Internet modifica as formas de viver as experiências novas da vida, pode modificar também a formação da personalidade, ou seja, a forma com que o adolescente irá encarar o mundo, a forma de reagir às diversas situações, a forma de encarar o novo e o desconhecido.

A agressividade para a vida, a socialização e a aprendizagem, a forma de se comunicar, tudo isso pode ser alterado pelo uso excessivo da tecnologia estudada. Propõe-se pesquisar particularidades na manifestação da personalidade adolescente, do ponto de vista da possível influência do uso excessivo da Internet, considerando o conceito de OSÓRIO (1989, p. 10) sobre a adolescência como:

“uma etapa evolutiva peculiar ao ser humano. Nela culmina todo o processo maturativo biopsicossocial do indivíduo. Por isso, não podemos compreender a adolescência estudando separadamente os aspectos biológicos, psicológicos, sociais ou culturais. Eles são indissociáveis e é justamente o conjunto de suas características que confere unidade ao fenômeno da adolescência.”

1.2 – HIPÓTESE DA PESQUISA

O uso intensivo da Internet altera características do usuário, principalmente do adolescente, no que diz respeito a sua socialização, aprendizagem e a sua forma de comunicação com o mundo e consigo próprio, seus valores de vida, sua forma de agir e sua subjetividade.

O perfil do jovem atual é de quem se preocupa com a sobrevivência como indivíduo e espécie, está direcionado pela noção de que, numa aldeia global como esta em que o mundo se transforma, os objetivos individuais não podem estar dissociados dos coletivos e, portanto, tende a regular seus padrões de convivência pela aspiração ao bem-estar comum. Todavia, quando se faz uso da Internet de forma abusiva, a elegendo em detrimento das formas de lazer, do contato interpessoal, do aperfeiçoamento das habilidades sociais, algumas características adolescentes podem sofrer algum tipo de influência na manifestação de sua personalidade.

1.3 – OBJETIVOS

1.3.1 – GERAL

Avaliar a influência do uso excessivo da Internet na personalidade do adolescente.

1.3.2 – ESPECÍFICOS

- Analisar como o adolescente tem utilizado a Internet, e como o seu uso tem interferido em sua vida.

- Identificar os aspectos da personalidade mais susceptíveis a alterações, devido ao uso excessivo da Internet, entendendo que o adolescente pode priorizar a Internet em detrimento das interações sociais.
- Utilizar os resultados de forma como parâmetros para uma possível orientação familiar aos pais de adolescentes que apresentam distúrbios de comportamento relacionados ao uso excessivo desta nova tecnologia.

1.4 – METODOLOGIA EMPREGADA

Este trabalho de pesquisa é de natureza exploratória e experimental, pois envolve o uso de grupo controle. Envolve pesquisa bibliográfica sobre a adolescência, sobre a Internet, sobre a personalidade, sobre a inteligência e sobre os testes psicológicos, que são os instrumentos do nosso trabalho. Envolve, também, a aplicação de testes psicológicos de personalidade, para levantar as características dos comportamentos emitidos pelos adolescentes.

Para tanto, um grupo de 100 alunos de uma escola central da cidade de Divinópolis/MG foi pesquisado, com uma população de classe média e média alta. Os jovens têm idade entre 16 e 18 anos. Todos estudam na escola em período parcial. Dentre eles, 50% fazem uso constante da Internet. Como grupo de controle, foi observado os outros 50%, que não têm Internet em casa, e por isso, fazem uso restrito, ou não o fazem.

1.5 – ESTRUTURA DA DISSERTAÇÃO

Essa produção contém oito partes, sendo que o capítulo I se destina à Introdução e procura justificar e acaba por delimitar o problema a ser investigado, da mesma forma que aponta os objetivos propostos.

O capítulo II recebe o título de Adolescência , Personalidade e Inteligência, trazendo explicações teóricas sobre a adolescência e as características do desenvolvimento da personalidade, chegando a articular alguns preceitos sobre o desenvolvimento da inteligência e personalidade durante a adolescência.

A partir de sua história, os Testes Psicológicos são abordados no capítulo III onde há uma preocupação com a fundamentação teórica e com a classificação no que diz respeito ao objetivo da aplicação. O capítulo destaca uma apresentação técnica do seu instrumento de pesquisa – o Teste de Personalidade “16 PF de Cattelle”, fazendo uma exposição sobre o seu “Estado da Arte”, expondo várias pesquisas realizadas com este teste, nos moldes da pesquisa feita nesta dissertação.

A Internet é discutida no capítulo IV , considerando seu aspectos históricos, sua influencia no modo de ser do sujeito, seu uso atual e, finalmente, sua interferência no modo de ser adolescente.

O capítulo V apresenta Pesquisa de Campo, com os seus resultados, interpretações, suposições e comparações necessárias às conclusões objetivadas neste trabalho. Num primeiro momento serão apresentados os resultados gráficos dos dados colhidos para a investigação, acontecendo posteriormente suas reflexões e conclusões.

A partir dos resultados da pesquisa, conclusões do trabalho foram traçadas e recomendações pertinentes foram emitidas, a respeito do tema pesquisado, ficando relatada no capítulo VI.

CAPÍTULO II

.ADOLESCÊNCIA, PERSONALIDADE E INTELIGÊNCIA

2.1 – A ADOLESCÊNCIA

O processo de crescimento e desenvolvimento humanos tem sido, há muito tempo, tema de discussão e teorização. Recentemente, essa preocupação se reflete em estudos sistemáticos e em pesquisas que vem nos proporcionando estudos científicos que, muitas vezes contrapõem algumas idéias do senso comum, assim como falsos conceitos sobre o desenvolvimento no período adolescente. (RAPAPPORT, 1981; OSÓRIO, 1992).

Buscando entender melhor este período, tão controverso, objetivamos estabelecer um quadro sistemático e abrangente das diferentes posições teóricas sobre a adolescência e mostrar as correlações entre as mesmas.

Segundo RAPAPPORT (1981, p. 23) o termo adolescência vem do latim “adolescere” e significa “crescer ou crescer até a maturidade”. É um momento marcado por lutas pela aquisição da identidade de adulto. Em

termos cronológico sua definição é controversa mas será aqui entendida como o tempo que se estende por volta dos doze ou treze anos até pouco depois do vinte anos, com grandes variações individuais e culturais. De acordo com OSÓRIO (1992) este período tende a ocorrer mais cedo nas moças que nos rapazes, e terminar mais cedo em sociedades mais primitivas.

Os termos puberdade e pubescência, derivadas do latim - “pubertas”, a idade da maioridade e “pubescere”, apresentar cabelos no corpo, atingir a puberdade, são, muitas vezes utilizados como sinônimo de adolescência.

Todavia, diversos autores (MUSS & COLLEGE, 1971; RAPAPPORT, 1981; OSÓRIO, 1996; FERRARI, 1996) atentam para um significado de pubescência bastante restritivo ao desenvolvimento fisiológico durante o qual as funções reprodutivas amadurecem, aparecem as características sexuais secundárias e a maturidade fisiológica dos órgãos sexuais primários. O que mais chama atenção, nesse momento, é a rapidez com que as transformações acontecem (FERRARI, 1996).

A relação entre pubescência e adolescência torna-se mais complicada se se considera elementos da Antropologia Cultural relacionados com rituais e períodos de iniciação. Em alguns casos a transição da infância para a fase adulta é suave e sem reconhecimento social; em outros casos demarca-se uma ruptura abrupta entre o ser infantil do ser adulto. Alguns autores (ERIKSON, 1975; RAPAPPORT, 1981; OSÓRIO, 1996) sustentam até a idéia de que o período prolongado de adolescência nas sociedades de maior índice técnico não é fisiológica, mas uma invenção social.

MUSS E COLLEGE (1971) já afirmavam que o comportamento adolescente é culturalmente determinado: "Enquanto permanece o argumento que a duração da pubescência é estabelecida por fatores biológicos, a da adolescência é determinada por instituições sociais e pelo grupo social" (MUSS e COLLEGE, 1971, p.27). Os correlatos psicológicos, particularmente notáveis na área do ajustamento sexual e do reconhecimento social, é o que aproxima pubescência e adolescência. Na cultura ocidental, pode-se dizer que a adolescência é o período de ajustamento sexual, social, ideológico e vocacional, e de luta pela emancipação dos pais (OSÓRIO,1996).

O adolescente, dentro de seu processo de configuração de identidade, passa pelas crises de efetuar escolhas dentro do mundo. Nos termos de ERIKSON (1972), deverá definir as identidades sexual, profissional e ideológica. Cada uma destas crises implicará trazer à tona os prós e os contras que caracterizam qualquer opção, bem como atualiza a energia, a vitalidade e a coragem necessárias para enfrentar a conquista dos objetivos propostos a alcançar.

Todas as crises pelas quais o adolescente passa provocam uma ressonância, uma atualização das mesmas crises nos pais, isto é, cada conflito com o qual o adolescente se defronta faz com que os pais retomem o mesmo conflito vivido quando adolescentes. Por isso é comum ser chamado de "síndrome da ambivalência dual" (ABRASTURY e KNOBEL, 1988), ou seja, cada conflito é vivido a dois. Os conflitos que o adolescente vive, típicos do seu estágio de desenvolvimento, são bem ou mal suportados pelos

pais na proporção em que estes resolveram bem seus conflitos passados e optaram por soluções que lhes são significativas.

À medida que o filho se torna adulto, os pais sentem que sua própria juventude está chegando ao fim e que devem preparar-se para viver uma outra fase da vida: a da idade madura. Os pais percebem que muitos dos seus sonhos e aspirações da juventude não se realizaram e não mais se realizarão. A potência sexual começa a declinar, justamente quando seus filhos estão no ápice da vitalidade, da beleza e da forma física (ABERASTURY e KNOBEL, 1988).

Segundo ABERASTURY (1990), quando o casal parental vem conseguindo a manutenção de um bom relacionamento, este tenderá a se aprofundar, a se modificar, a se ajustar ao novo período da vida, renovando a satisfação da vida em comum.

Porém, quando esse relacionamento já vinha apresentando dificuldades maiores, a adolescência dos filhos e a aproximação da meia-idade podem torná-lo insustentável. O adolescente poderá apresentar dificuldades para a definição de sua própria vida (ABERASTURY, 1990).

Para o próprio adolescente, este período atualiza e reflete todas as crises e dificuldades enquistadas no processo de desenvolvimento. Momento ambíguo, de aquisições e de perdas, é necessário que as etapas de desenvolvimento anteriores tenham sido adequadamente vividas (FERRARI, 1996).

Não haverá mais a proteção dada pelos pais durante a infância, mas a proteção que eles deram permitiu crescer, e é a segurança do crescimento que permita ao adolescente deixar a casa paterna para assumir o rol adulto.

Se não existe esta segurança, resta um apego mórbido ao passado, um pedido de proteção que é simultaneamente acusação e culpa. Uma acusação porque a segurança e o prazer lhe faltaram por pais sentidos como frágeis ou maus; uma culpa, porque a relação infantil é freqüentemente espelhadas no contato com os pais, portanto não lhe foi dado amor porque ele é, como os pais, mau e inadequado (FERRARI, 1996).

A imagem do corpo parece agregar todas as vivências e fantasias dos períodos anteriores. Nessa imagem estão presentes a onipotência, a bissexualidade, a dependência, o prazer das vivências das sexualidades parciais, os vínculos estabelecidos com seus progenitores e, em grande parte, a expectativa mágica da realização de todos os desejos. Todas essas características compõem o imaginário infantil e o adolescente deve deixar para traz (OUTEIRAL, 1982).

Em FADMAN e FRAGER (1986), SPITZ define a aquisição do “não” como o momento em que a interdição é internalizada, e seu grande mérito é bloquear a realização direta dos processos primários, para que o indivíduo possa buscar seu desenvolvimento nos processo secundários; ou seja, a internalização da interdição permite o progressivo controle do Ego sobre o Id, se usarmos os termos de FREUD (1972) o que diz respeito ao princípio da realidade em detrimento do princípio do prazer.

PIAGET (1997), ao enfatizar o desenvolvimento da inteligência, preconiza que a transição entre os períodos necessariamente provoca um desequilíbrio temporário que, posteriormente, dá lugar a uma forma superior de raciocínio. Por volta dos 11-12 anos, o adolescente liberta do concreto e é capaz de, dada uma certa realidade, aplicar a ela um conjunto de transformações possíveis. O equilíbrio é obtido através da capacidade de realizar operações lógicas ao nível das idéias, desvinculando-se do palpável ou do concreto. O adolescente, então, pensa em termos formais, dispensando o apoio da percepção, da experiência.

O instrumento do pensamento do adolescente é a linguagem ou qualquer outro sistema simbólico, em que ele é capaz de formular hipóteses e, a partir delas, chegar a conclusões que independem da verdade fática ou da observação.

A realidade de um determinado evento passa a ser secundária. O adolescente é capaz de pensar em alternativas de ação, substituindo eventos concretos por proposições. Com esta aquisição obtém-se um estado mais avançado de equilíbrio, em que as estruturas cognitivas já estão quase que completamente formadas. O pensamento é agora totalmente flexível, versátil e reversível, possibilitando o emprego de várias operações cognitivas na resolução de problemas (PIAGET, 1981).

A capacidade de refletir livremente leva o adolescente a estabelecer, para si mesmo, um projeto de vida que passa a representar uma meta a ser alcançada e uma orientação para sua ação. Segundo OUTEIRAL (1982), na medida que o indivíduo é capaz de se propor uma trajetória existencial e de

subordinar seu desejo ao desejo do outro, através da autodisciplina, vai delimitando um traçado pessoal, que pode-se chamar de personalidade.

As aquisições que se constróem sobre a superação dos modelos de pensamento anteriores, geram a angústia de não estar nem num lugar nem em outro. O corpo infantil não é representado da mesma maneira e há necessidade de um grande tempo para a construção e elaboração do corpo adulto. O crescimento é rápido, e além disso é desproporcional; os membros se alongam, o corpo emagrece, os ângulos se salientam (OSÓRIO,1996).

A mudança quase que brusca dificulta uma adaptação harmônica dos processos do desenvolvimento. O adolescente se sente desajeitado, regula mal o domínio de um corpo ao qual ainda não se adaptou bem e encontra-se perplexo diante de um corpo que é seu, mas que lhe é estranho (FERRAI, 1996).

Os fatores libidinais em evolução, paralelos a outras alterações físicas, às vezes aterrorizam-no, às vezes empolgam-no e em geral produzem um processo duplo e ambíguo de medo e desejo. (RAPAPPORT, 1981).

Na sexualidade de um lado a natural evolução para a genitalidade força a definição de gênero e essa opção é vivida como perda dupla, porque a fantasia da bissexualidade é onipotente ao definir como sendo tudo, homem e mulher, fecundante e fecundado, portador das duas metades da dicotomia humana básica (FERRARI, 1996).

A ocorrência da masturbação e de alguns contatos homossexuais é muito freqüente e têm, além do caráter prazeroso e de alívio de tensão, a

função de auto-exploração, assim como da exploração do corpo do companheiro. Essas atividades constituem uma etapa da evolução da sexualidade que, em seguida, se dirige para uma busca de satisfação heterossexual (RAPAPPORT, 1981).

Aceitar-se como um e somente um dos lados, é viver a perda da onipotência inicial e começar a elaborar a “castração simbólica”, ou seja, poder perder as relações infantis e iniciar sua reconstrução num mundo de sujeito, de portador de sua própria independência e vontade, sem que a perda se configure na perspectiva de um ataque real ao corpo. Este está dividido e perdeu algo porque fez a escolha, mas está definido em busca de sua construção. Na escolha sadia, a perspectiva de construção é superior em gratificação à frustração pela perda (FERRARI, 1996).

A identidade é de acordo com .ERIKSON (1975), uma evolução que parte de múltiplas identificações e constitui uma concepção do todo original e funcional do sujeito. No senso comum, utiliza-se indiscriminadamente os termos personalidade e identidade como sinônimos. Todavia, os termos são extremamente interdependentes, ficando o primeiro relacionado com padrões de conduta e o segundo, mais próximo das aquisições do indivíduo. É impossível dissociar nossas aquisições de nossas condutas.

Para caracterizar cada etapa de aquisição, ERIKSON (1975) lança mão do conceito de “crise psicossocial”. Está implícito no conceito a idéia de uma etapa do desenvolvimento, com faixa etária definida, uma vez que constitui um modelo universal de desenvolvimento. É um momento crítico quando cada crise psicossocial, em sua solução, estabelece um “sentimento

de” ou “sentido de”, como uma aquisição interior firme, que marca uma etapa de aquisição ou seu reverso patológico.

A organização da identidade é a etapa central proposta por ERIKSON (1975) na evolução do ciclo vital humano; é o momento de síntese, de transformação de identificações em identidade e de interação original com o mundo.

ERIKSON (1975) define adolescência como um momento crítico de integração das etapas anteriores (permanece em sua teoria a idéia sobre a sexualidade de FREUD (1972) quando percebe que os momentos infantis estão ligados à sexualidade ou a organizações afetivas parciais), mas procura demonstrar que esse momento, que dá uma primeira percepção correta de uma “unidade da personalidade” e a capacidade de percepção correta do mundo e dela própria, remete o indivíduo a outras etapas de integração individual e das relações sociais. A adolescência encerra as etapas infantis de desenvolvimento e o conflito é vivido como crise psicossocial de identidade versus confusão de papéis (ERIKSON, 1975).

A identidade sexual é a definição genital do papel adolescente, definição esta que já estabelecera suas bases na solução da etapa fálica, segundo FREUD (1969) , mas que estruturará o Ego - o sentido de mesmice, “mesmidade” e continuidade decorrente de uma definição autêntica e original. A segurança do papel sexual assumido é o que lhe permitirá estabelecer as filiações características das etapas seguintes.

ERIKSON (1975) analisa os modelos projetivos característicos dos anos adolescentes, em que a figura amada é inicialmente uma depositária da

projeção do que o amante se imagina. Progressivamente a sua imagem que é refletida pelo outro é aclarada, até que ele possa se conhecer e definir.

É estando seguro do que se é que se pode finalmente buscar a relação com o outro sem contaminações; ou seja, o outro não é visto em relações projetivas, como um outro extensão do eu, mas um outro com quem se pode relacionar. Pode-se até suportar as diferenças, entendê-las e conviver com elas, pois que as divergências já não ameaçam os próprios valores, seguro que está o sujeito por suas aquisições (ERIKSON, 1975).

Com relação à identidade profissional, o conceito de provedor é definido como elemento básico da maternagem, ligada à organização evolutiva do sentimento de que só pode ter ou só pode dar aquele que faz. A realização profissional é o que dará ao indivíduo a capacidade de sentir-se membro ativo e produtivo dentro do grupo social; é o que o configurará como membro independente e simultaneamente co-participador na construção de bens, portanto da realização do mundo material. A escolha de uma profissão é fundamental na normalização das relações com o mundo. Num nível mais concreto, entende-se sou aquilo que faço (RAPAPPORT, 1981).

Quanto à definição ideológica, o adolescente, em permanente reconstrução interna, deve acompanhar a reconstrução do mundo e posicionar-se, de acordo com ERIKSON (1975, p. 95), “a adolescência é, pois, um regenerador vital no processo de evolução social, pois a juventude pode oferecer suas lealdades e energias tanto à conservação daquilo que continua achando verdadeiro como à correção revolucionária do que perdeu seu significado regenerador”. A resolução dos três níveis de identidade

dará ao sujeito a segurança necessária para as etapas posteriores quando, definido o que se é, pode se projetar como ser capaz de realizar seus anseios. A confusão de papéis, perigo desta etapa, o mobiliza o adolescente numa indefinição quando sente que suas filiações estão ameaçadas, e com elas, sua verdadeira capacidade para a genitalidade num sentido freudiano. ERIKSON (1975) defende que ao final dessa etapa de formação da identidade o sujeito deve experimentar o sentido básico do “eu sou”.

A tendência grupal surge no sentido de dar suporte à insegurança quanto ao que se é. O grupo serve como um processo defensivo que ajuda o sujeito a configurar-se. A uniformidade que o grupo lhe traz lhe atualiza a segurança de saber quem é. Se de um lado estas filiações estão à serviço da segurança emocional, pode ser visto na história da humanidade, a indução e manipulação como a trágica juventude hitlerista, nas promessas de uma raça superior (OSÓRIO, 1996).

A dependência do grupo é, na verdade, a transferência de parte da dependência familiar para o grupo, o grupo ajuda o adolescente a sair de casa. O grupo também ajuda na vivência do exercício do bem e do mal. A teoria piagetiana sustenta que somente através da interação com outros jovens, da comparação de diferentes projetos de vida e da necessidade de trabalhar conjuntamente na reformulação da existência é que o adolescente caminha em busca da aquisição de sua identidade (PIAGET, 1997).

A necessidade de intelectualizar e fantasiar é o ponto central para ABERASTURY e KNOBEL (1998), segundo os quais o conflito vivido pela perda do corpo da infância, as regras que organizavam estes período e as

vivências infantis com os pais, só podem ser suportados a partir da fantasia e da intelectualização. A reparação da perda vivida assim realizada é um dos motivos básicos que leva o adolescente às manifestações artísticas e culturais.

As crises religiosas também são freqüentes, são interpretadas como a busca de segurança e Deus como estrutura simbólica pode surgir enquanto o substituto paterno. O patológico, de acordo com ABERSTARURY (1990) é representado pela indiferença, o niilismo, porque, se o conflito está reproduzindo a crise de crescimento vivida na relação com os pais, a indiferença só pode refletir uma internalização pobre e fraca das figuras parentais.

A elaboração do tempo é uma das mais importantes aquisições elaboradas na adolescência. Está no centro da elaboração dos lutos típicos do período. Está entre a elaboração das perdas da infância, do corpo infantil, da dependência parental, e as perspectivas ainda incertas da construção futura, entre as quais estão as angústias da morte dos pais e da própria morte. O adolescente imobiliza o tempo, reduzindo ao presente o passado e o futuro, tentando preservar as conquistas passadas e apaziguar as angústias vinculadas ao futuro. O tempo vivencial, em oposição ao cronológico, se torna dominante. O pensamento temporal assume características típicas do processo primário, uma vez que está mais centrado no desejo do que na realidade (PIAGET, 1981).

RAPPAPORT (1981) discorre acerca das idéias de KNOBEL, dizendo que o desenvolvimento da capacidade madura de estar só parece estar na

base da organização temporal. As vivências de solidão, tão características e tão angustiantes, levam à superação dos lutos da perda da infância e pela elaboração do futuro. De acordo com RAPAPPORT (1981, p. 58), “quando ele (o sujeito) pode reconhecer um passado e formular projetos de futuro, com capacidade de espera e elaboração no presente, supera grande parte da problemática da adolescência”.

As projeções dos conflitos adolescentes são comumente nomeadas como rebeldia às normas sociais. Se o adolescente relaciona-se por projeções maciças, todos os conflitos de construção do corpo e da identidade que está elaborando são depositados por projeção nos questionamentos sociais (FERRARI, 1996). A radicalidade vivida leva o adolescente a supervalorizar seus pontos de vista, a lutar para impô-los e a fantasiar-se de guerreiro da reconstrução e da normalização social. Seu superego, rígido e de certa forma cruel nas lutas que trava contra o incesto que é retomada, projeta-se também numa estrutura social sentida com cruel e restritiva (OSÓRIO, 1996).

As reações vividas pelo adolescente se sintomatizarão em posturas revolucionárias, em atitudes francamente negativistas e de oposição e, não raro, passarão por momentos de verdadeira atuação psicopática. Esta sintomatologia, patológica no adulto, pode ser considerada normal e transitória no adolescente (FERRARI, 1996).

Ao conseguir elaborar bem suas perdas, o adolescente poderá entrar para a vivência dos fracassos e conquistas reais, condições básicas para sua adaptação ao grupo social, sem perder as energias motivadoras para a

permanente reconstrução de uma ordem social melhor. É na adolescência que, superadas as angústias, haverá a necessária elaboração entre o desejo e sua adequação ao social. Em freqüente conduta contraditória, o adolescente tem, em geral, dificuldades em perceber as próprias contradições, e revela-se nas tentativas de mostrar-se coerente (ABERASTURY, 1990).

PIAGET (1997) aponta, também, as mudanças qualitativas no comportamento e julgamento moral. Ele percebe a existência de uma homogeneidade entre os aspectos do cognitivo - pensamento, raciocínio e linguagem.

Os estados de luto e de depressão são típicos da elaboração adolescente. A defesa contra a depressão é a organização maníaca. O adolescente, dentro da labilidade emocional desta etapa, alternará momentos de intenso recolhimento com fantasias mágicas de alegria e realização (ABERASTURY e KNOBEL, 1988).

Concluindo, a adolescência é um estado, um momento marcante do desenvolvimento humano. Entre aquisições e perdas encontra-se um sujeito em constante luta pela afirmação de sua identidade, criando modos de se relacionar com o outro, com o mundo.

2.2 - A PERSONALIDADE

Segundo o vocábulo instituído no século XVIII – XIX, personalidade significa qualidade ou conjunto de qualidades que faz de uma pessoa o que ela é, enquanto diferente de outras pessoas e não divisível do ponto de vista

físico. Na linguagem da psicologia, o termo personalidade tem sido definido com conceitos bastante controvertidos. Às vezes, como fez Jung, pensamos em sua origem, persona, e nos lembramos da máscara que o ator da Antigüidade usava para cobrir o rosto e através da qual expressava o papel que desempenhava, mas esconda quem ele realmente era (BURTON, 1985)

BURTON (1985) também descreve que SULLIVAN concebia a personalidade não como uma identidade estática ou estável, mas como uma abstração, referindo-se aos “padrões relativamente duradouros de situações interpessoais repetitivas, que caracterizam a vida humana”. Se esses padrões mudam de maneira significativa, o que é aparente como personalidade também muda. Por outro lado, a Bioenergética é o estudo da personalidade em função do corpo e se baseia em duas proposições fundamentais: uma é que cada pessoa é seu corpo, sendo que ninguém existe sem o corpo vivo, no qual tem sua existência, através do qual se exprime e se relaciona; a outra proposição é que o corpo é um sistema energético.

Já HALL-LINDZEY (1984) sugere duas conceituações, sendo uma delas relacionada com as habilidades sociais. nesse caso a personalidade de um indivíduo poderia ser avaliada pela eficiência em produzir reações positivas em diversas pessoas e em diferentes situações. A segunda conceituação avalia a personalidade pela impressão que o indivíduo causa em outras pessoas, podendo-se então falar em personalidade agressiva, passiva, tímida, etc.

ALLPORT (1937, p.27) define personalidade como sendo “a organização dinâmica no indivíduo dos sistemas psicofísicos que determinam seus ajustamentos típicos e seu ambiente” .

Segundo as definições citadas, cada pessoa é diferente das demais, apesar das identidades verificadas entre os seres humanos. Isto se refere, tanto a características psicológicas como biológicas. A organização dos traços da personalidade, além de típica, é também dinâmica, isto é, a personalidade não é um simples somatório de características psicofisiológicas. A personalidade individual é responsável pela maneira pela qual cada um reage aos estímulos do mundo externo.

Entre os vários pontos em debate no estudo da personalidade, merecem destaque o tratamento idiográfico (individual) em contraposição ao tratamento nomotético (geral), que se refere ao efeitos da hereditariedade e do ambiente na formação da personalidade (FADMAN e FRAGER, 1986).

No estudo caracteristicamente nomotético, estuda-se um traço, ou um número relativamente pequeno de traços, com o objetivo de descobrir como cada traço varia em determinadas ocasiões. Para qualquer traço, o ponto principal de referência será o traço médio da população com a qual o estudo se preocupa. A média é considerada como uma norma grupal. O estudo idiográfico, já enfoca uma pessoa ou muito poucas pessoas estudadas com referência a muitos traços. Um número pequeno de ocasiões está em jogo. O interesse concentra-se num conjunto de traços apresentados individualmente

por pessoa. Assim, a pessoa fornece seu próprio ponto de referência, o qual é sua própria média (FADMAN e FRAGER, 1986).

Como a maioria das controvérsias que permanecem durante décadas, essa não apresenta resposta definitiva em favor de um dos lados. Não há dúvidas de que a ciência não pode dedicar-se a casos individuais apenas; mas também parece certo que a personalidade humana apresenta uma tipicidade que desafia as generalizações científicas deterministas. Talvez o melhor seria adotar uma posição intermediária, na qual se estudasse as características humanas em uma variação tanto geral quanto individual, buscando o equilíbrio entre um e outro aspectos (RAPAPPORT, 1981).

Quando nos propomos a estudar o adolescente influenciado pela Internet, estamos nos dispondo a dar atenção tanto aos desvios típicos de todos os jovens em torno de determinada idade, quanto às diferenciações individuais de cada um, pensando em termos de uma amostragem homogênea dentro de um grupo social específico, provavelmente influenciadas pela tecnologia. Buscamos, então, um contrastar as abordagens idiográfica e nomotética, como um fim geral para o nosso trabalho (FADMAN e FRAGER, 1986).

Outra controvérsia que divide os estudiosos da personalidade (PIAGET, 1981; RAPAPPORT, 1982; FRADMAM e FRAGER, 1986; HALL e LINDZEY, 1984) diz respeito ao papel desempenhado pelos componentes hereditários e o que é atribuído ao ambiente. De um lado, afirma-se que o desenvolvimento da personalidade é pura e simplesmente um desdobramento da carga hereditária associada a cada indivíduo; do outro,

vê-se na ação do ambiente e da cultura o único fator responsável pela formação da personalidade individual.

Qualquer uma das duas posições não devem ser levadas ao extremo de forma isolada. Não há dúvida de que pessoas de componentes hereditários semelhantes, como gêmeos, por exemplo, sob pressões ambientais diversas, apresentam personalidades diversas; da mesma forma, ambientes culturais homogêneos não determinam a total uniformidade das pessoas que nele vivem. Existe sim, o fato de que pessoas de ambientes socioculturais comuns, apresentam características comuns. A existência destas qualidades comuns, todavia, não significa que todos os integrantes daquela cultura são naturalmente iguais (HALL e LINDZEY, 1984).

O problema central da formação da personalidade reside então, em dois termos. O primeiro se refere ao conjunto de dados relativos á hereditariedade, o segundo , os que derivam do ambiente. Em termos de psicologia da personalidade, parece que a visão mais adequada é a que considera a personalidade como função de ambos os fatores. Dessa forma, não seria a personalidade uma resultante da ação exclusiva das forças do ambiente e da natureza, mas da conjunção dessas forças com as derivadas da capacidade de autodeterminar-se do ser humano (MUSS e COLLEGE, 1971).

Teorias diversificadas abordam a personalidade de maneiras diferentes, mas todas vão focar com menor ou maior ênfase, os três fatores abordados: natureza, ambiente e autodeterminação.

2.2.1 - MÉTODOS DE ESTUDO DA PERSONALIDADE

A personalidade humana, através de suas manifestações, costuma ser avaliada através de diferentes métodos. Uma classificação muito geral poderia agrupá-los em métodos subjetivos e objetivos, entendendo subjetivo enquanto uma interpretação que passa pelo crivo do pesquisador. Nos métodos objetivos, seja qual for o avaliador, os resultados são sempre interpretados da mesma forma. Entre os métodos subjetivos incluem-se as entrevistas, as escalas de avaliação, os métodos de observação, e as chamadas técnicas projetivas. Entre os métodos objetivos, encontram-se os testes objetivos da personalidade, geralmente apresentados sob forma de questionários com alternativas de respostas fixas (LODI, 1991).

Além dos métodos de avaliação global da personalidade, existem os testes específicos de habilidades, interesses e aptidões, que medem aspectos limitados da personalidade global. O problema central dos métodos de avaliação da personalidade, considerados subjetivos, é a diferença que um examinador pode tratar um ou outro resultado, resultando uma diferenciação dos resultados, no final. Para que isto seja evitado, geralmente se faz a verificação da fidedignidade, onde dois ou mais avaliadores julgam a mesma pessoa e os resultados são posteriormente avaliados (URBINA, 2000).

No caso dos testes mais objetivos, estes problemas não acontecem, por serem os resultados objetivos, não dando margens para interpretações

que possam ser consideradas subjetivas, ou seja, os testes objetivos estabelecem enquadramentos padronizados de respostas. O trabalho se propõe estudar a personalidade do adolescente, através de um método bastante objetivo, o teste de personalidade 16 PF. Trata-se de um questionário com 187(cento e oitenta e sete) perguntas através das quais serão analisadas 16 características do sujeito, a partir das respostas emitidas pelo analisado. Sendo um teste objetivo, apresenta pouca margem de erro, e pequena possibilidade de se subjetivar os resultados de acordo com o avaliador (ANASTASI, 1997).

Nos próximos capítulos, estaremos falando um pouco mais sobre os testes psicológicos de forma geral, e os testes específicos para se avaliar a personalidade, assim como, falaremos do nosso instrumento de pesquisa: o teste 16 PF de Catelle.

2.3 . A INTELIGÊNCIA

Considerando que a inteligência representa um fator importante na formação do indivíduo, modificando inclusive a sua forma de agir no mundo e, conseqüentemente o seu perfil de personalidade, achamos necessário colocar algumas definições e formas diferentes de se tratar o conceito “inteligência” (CRONBACH,1996).

O termo inteligência é usado com uma ampla diversidade de significados, não apenas pelo público em geral, mas também por membros de diferentes disciplinas, tal como biologia, filosofia ou educação, e por psicólogos que se especializam em diferentes áreas ou

se identificam com diferentes orientações teóricas. (ANASTASI, 1997; CRONBACH, 1996; DIZARD, 1998).

Em geral, o quociente de inteligência – QI – é uma designação abreviada para a inteligência. Este uso é tão predominante que não pode ser simplesmente ignorada ou deplorado como uma concepção popular errônea. Porém, diferentes testagens consideram o QI de formas diversificadas diferindo em conteúdo e na forma de interpretação de seus escores. Quando testamos a inteligência, deveríamos considerar um conceito descritivo e não um conceito explanatório. Um QI é uma expressão do nível de habilidade de um indivíduo em um determinado momento do tempo, em relação às normas de idade disponíveis. Nenhum teste de inteligência pode indicar as razões para o desempenho de uma pessoa. Atribuir o desempenho inadequado em um teste ou atividades da vida cotidiana à inteligência inadequada é uma tautologia, e não faz avançar o nosso conhecimento da deficiência do indivíduo. Pode servir apenas para atrasar a exploração das causas reais das deficiências na história pessoal do indivíduo (CRONBACH,1996).

Os testes de inteligência, assim como todos os outros, não devem servir para rotular as pessoas, mas para compreendê-las. Um objetivo importante da testagem contemporânea é contribuir para o auto entendimento e para o desenvolvimento pessoal. As informações fornecidas pelos testes estão sendo cada vez mais usadas para ajudar as pessoas no planejamento educacional e vocacional e na tomada de decisões sobre suas vidas. A busca de maneiras efetivas de comunicar os

resultados atesta o crescente reconhecimento desta aplicação da testagem (URBINA,2000).

Outro ponto importante a se lembrar, é que a inteligência não é uma habilidade única, mas um composto de várias funções. O termo é comumente usado para abranger aquela combinação de habilidades necessárias para a sobrevivência e para o avanço em determinada cultura. Disso decorre que as habilidades específicas incluídas nesse composto, assim como seus pesos relativos, variam de acordo com a época e o lugar. Em culturas diferentes e em diferentes períodos históricos dentro da mesma cultura, as qualificações de desempenho bem sucedido se diferem. A composição mutante da inteligência também pode ser reconhecida na vida do indivíduo, do período de bebê à idade adulta. A habilidade relativa de uma pessoa tende a aumentar com a idade naquelas funções cujo valor é enfatizado por sua cultura, e a habilidade relativa da pessoa tende a diminuir naquelas funções cujo valor é pouco enfatizado. Assim, podemos concluir, que a estimulação cultural é um importante fator para o desenvolvimento da inteligência, no momento em que considera-se que a cultura motiva certos fatores a se desenvolver, de acordo com as necessidades da época. Assim, podemos afirmar que a inteligência formal, valorizada no período da revolução industrial, atualmente se encontra substituída pela inteligência emocional – “capacidade de sentir, entender e aplicar eficazmente o poder e a perspicácia das emoções como fonte de energia, informação, conexão e influência humana” (COOPER e SAWAF, 1997, p. XVIII)– em que as

emoções do indivíduo contribuem profundamente para melhorar a sua atuação dentro de suas necessidades.

Está sendo provado também, que alguns fatores considerados como parte de um conceito chamado de inteligência, podem se desenvolver em uma idade bastante tenra. Assim, vários pais têm estimulado seus filhos a aprender a ler ou a fazer contas matemáticas, antes da idade prevista dos 6 ou 7 anos. Este procedimento tem causado bastante polêmica no meio científico, pois alguns estudiosos consideram este procedimento prejudicial ao desenvolvimento, enquanto outros consideram um bom início para um desenvolvimento maior (PIAGET, 1981 ; VYGOTSKY, 1988).

Porém, o que mais nos interessa é o fato de que a inteligência caminha junto com a personalidade. Não restam dúvidas, de que uma inteligência bem desenvolvida, geralmente ajuda o sujeito a desenvolver melhor sua personalidade, ou seja, a lidar mais adequadamente com suas características emocionais. Ao contrário, aqueles sujeitos mais equilibrados emocionalmente, fatalmente se darão uma melhor oportunidade de estarem desenvolvendo os fatores que compõem o que chamamos de inteligência.

CAPÍTULO III

TESTES PSICOLÓGICO

3.1 – SOBRE OS TESTES PSICOLÓGICOS

De modo genérico, a função dos testes psicológicos é medir diferenças entre indivíduos, ou as reações do mesmo em diferentes situações. ANASTASI (1977) aponta a identificação dos retardados mentais como desencadeador do desenvolvimento dos testes psicológicos. Isto se deu, devido a necessidade de se classificar aqueles que apresentavam dificuldades na aprendizagem. Era necessário que se soubesse se este indivíduo realmente apresentava um déficit intelectual, ou se estava sendo mentalmente prejudicado por alguma outra questão, física ou emocional, que bloqueava sua aprendizagem.. A testagem veio auxiliar esta diferenciação com o intuito de se dispensar o tratamento correto a estes indivíduos.

Atualmente é um recurso imprescindível na prática do psicólogo, englobando as mais diversas áreas de atuação. O teste auxilia o profissional da área clínica, auxiliando-o nas diferenciações dos diversos diagnósticos, na área educacional, classificando os níveis dos estudantes, na área empresarial,

selecionando os trabalhadores e ajustando-os às suas áreas e em todas as áreas de atuação do psicólogo (CRONBACH,1996).

Percebe-se no século XIX movimentos por tratamentos mais dignos às formas humanas desviantes. FOUCAULT (1988) aponta para as questões sociais que envolviam os jogos de exclusão social a que eram expostos os pobres, vagabundos, presidiários e “cabeças alienadas”. No sentido de manter a ordem social esses sujeitos eram excluídos para se submeterem ao tratamento moral.

Aos cabeças ruins, cabia à medicina atribuir medidas de tratamento. Segundo o autor, a partir do controle da lepra e das doenças venéreas, o interesse recaí sobre manifestações como a deficiência e a doença mental. Num período anterior, considerados como os outros marginais, eles eram entregues à sorte, em embarcações soltas a deriva em alto mar, denominadas de “nau dos loucos” (FOUCAULT, 1988).

O processo de institucionalização destes sujeitos solicitou critérios definidos para identificação e classificação de admissão em tratamento. O primeiro passo foi a distinção entre a deficiência e a doença mental, que passou a ser feita através da testagem destes sujeitos, caracterizando os diversos traços de suas personalidades (FOUCAULT, 1988).

A doença mental era classificada como perturbações emocionais, que poderiam ou não estar associada a degeneração do nível intelectual mas que sempre acometiam os sentimentos do doente. A debilidade mental caracterizava, por outro lado, a debilidade intelectual, ou incapacidade ou diminuição da capacidade de raciocinar de forma lógica (FOUCAULT, 1988).

Movido pelo interesse na distinção dos quadros, ESQUIROL, em 1838, publica em dois volumes sua obra mais conhecida, onde busca sistematizar critérios de classificação dos diversos quadros (BEZERRA JR e AMARANTA, 1992).

É fato que a tendência dos primeiros psicólogos experimentais era a descrição generalizada do comportamento humano. Muitos dos problemas estudados referiam-se à sensibilidade, a estímulos sensoriais, ao tempo de reação. Todavia, à medida que os estudos foram desenvolvendo, passou-se a considerar-se a necessidade de se reconhecer as diferenças individuais (TUNDIS e COSTA, 1992).

A prática em laboratório passou a exigir controle rigoroso das condições sob as quais eram feitas as observações. Os novos procedimentos adotados demonstram a importância da padronização das condições na qual o sujeito será observado. Posteriormente, a padronização do processo será uma característica significativa dos testes psicológicos (URBINA, 2000).

FRANCIS GALTON, um biólogo inglês, é apontado como o iniciador da aplicação dos testes psicológicos. Partindo de seu interesse pela hereditariedade humana, despertou-se pela necessidade de medir características de pessoas afins e não afins. Seus estudos possibilitaram o primeiro conjunto sistemático de dados sobre diferenças individuais em processos simples (CRONBACH, 1996).

Enquanto isso, o psicólogo americano JAMES CATTELL , embalado pelo seu interesse na mensuração de diferenças individuais, se ocupa no desenvolvimento da aplicação dos testes psicológicos. Utilizando-se do termo “teste mental”, busca a partir de uma bateria de testes determinar o nível

intelectual de estudantes universitários de sua época. KREAPELIN, em 1895, buscando recursos para fundamentação do seu método clínico psiquiátrico, estabelece uma série de testes para caracterização de seus pacientes. BINET, juntamente com seus colaboradores, lançam seus olhares sobre a possibilidade de mensuração da inteligência. Em 1905, em colaboração com SIMON, prepara a primeira escala da inteligência. É também reservado a BINET, a inauguração do conceito “idade mental”. Posteriormente surgirá o termo Q.I., ou quociente de inteligência, que é a relação entre a idade mental e a idade cronológica que o sujeito apresenta (ANASTASI, 1997).

Os testes até então, são de escalas individuais, ou seja, eram aplicados somente a nível individual, dispensando portanto um tempo longo com cada examinando, o que economicamente se tornava pouco viável. Contudo, com o advento da primeira guerra mundial, o Estados Unidos buscam na psicologia auxílio para o recrutamento de um milhão e meio de recrutas. Com os recursos existentes, seria impossível dispensar tal procedimento, devido ao grande número de pessoas a serem testadas. Foi, por isso, criado o primeiro teste coletivo de inteligência, para uso do exército. No final da guerra os testes foram liberados para uso civil. Em constantes revisões, ainda são utilizados em processos onde se faz necessário uma testagem em massa, para a classificação da inteligência (CRONBACH, 1996).

Contudo, é claro neste período, expressa banalização em sua aplicação devido ao seu uso indiscriminado e pouco aperfeiçoamento técnico. Os testes começaram a se tornar um interesse público, onde as pessoas se preocupavam em classificar o seu nível de inteligência e a conscientizar sobre as diferenciações

existentes entre um indivíduo e outro. ANASTASI (1988) afirma que foi nessa época que o grande público tornou-se consciente do Q.I.

Com o passar do tempo, percebeu-se que os testes de inteligência na verdade mediam apenas alguns aspectos da inteligência. Alguns enfatizavam mais a área de matemática, portanto avaliavam somente a destreza que o indivíduo possuía para resolver problemas nesta área. Outros enfatizavam questões de cultura geral e outros ainda, caminhavam pelo viés da cultura específica de alguma área. Portanto o termo “inteligência geral” se tornou inadequado para se classificar uma condição geral do sujeito. Daí em diante novas terminologias surgiram, assim como diversas combinações de medidas de habilidades (CRONBACH, 1996).

Neste contexto da inteligência global nascem os testes de aptidões específicas, onde se avaliava as condições do sujeito para atuar em determinada área, ou seja, em manipular problemas relacionados às áreas exatas, às áreas sociais e outras áreas diferenciadas. Estes testes passaram a ser usados principalmente para o aconselhamento vocacional e a seleção e classificação de pessoal, uma vez que podia detectar as maiores facilidade que os examinandos apresentavam em cada área específica (URBINA, 2000).

O desenvolvimento de “baterias de aptidões múltiplas” possibilitou ainda, um avanço no método clínico. Eles passaram a propiciar a análise intra individual, dando condições de se diferenciar o sujeito em seu quadro, através da análise e classificação de seus sintomas, possibilitando um diagnóstico diferencial. Isto permitia a classificação do mesmo, identificando o tipo de acometimentos que poderiam estar interferindo no seu funcionamento psíquico (CRONBACH, 1996).

Concomitante ao desenvolvimento dos testes de inteligência e o de aptidão, surgem os testes padronizados de aproveitamento. À princípio, eram utilizado com o objetivo de medir os resultados da instrução escolar, onde se poderiam classificar os alunos de acordo com o seu rendimento. Com o advento das máquinas de avaliação, os testes conquistam grande campo de aplicabilidade na seleção de candidatos a cargos, passando a ser usados também na área empresarial (URBINA, 2000).

3.2 – Testes de Personalidade

Numa outra etapa histórica nascem os testes de personalidade, que se atrevem a mensurar “aspectos afetivos ou não intelectuais do comportamento” (CRONBACH, 2000, P 78). Tais testes são utilizados na avaliação do ajustamento emocional, relações sociais, motivação, interesse e atitudes, incluindo suas opiniões sobre o self e os outros. Avalia também, seus hábitos de ações, como por exemplo, se é uma pessoa que costuma se pontual ou se atrasar. São enfatizados ainda, suas fontes de perturbações emocionais e seus conflitos pessoais (CRONBACH, 2000).

Segundo ANASTASI (1988), ao lançar mão do teste da associação livre com pessoas anormais, KRAEPELIN inaugura a pedra fundamental da criação do teste de personalidade. Uma das formas de se estudar a personalidade é através do questionário, ou inventário de auto descrição, que se propõe a identificar casos de neurose grave. É dado ao examinando, uma série de perguntas, que vão levá-lo a caracterizar suas ações em determinadas situações, através de suas

respostas. Além das características pessoais, estes testes se prestam a medir interesses e as aversões do examinando. Os inventários de auto descrição são muito usados na área clínica, na área empresarial e na área escolar, principalmente em diagnósticos de vocação profissional.

Os teste situacionais ou de realização são outra forma de medir a personalidade. Se propõe a avaliar as realização das situações da vida diária, cujo objetivo geralmente se encontra disfarçado. Sua aplicação exige grande manejo técnico, já que a interpretação das respostas é relativamente subjetiva. O examinando é posto em uma situação supostamente real, e são observadas as suas reações. Atitudes de medo, agressividade, liderança e outras, aparecem nos testes situacionais, possibilitando assim, traçar um perfil de comportamento que o examinando emite em situações diversas. Este teste é muito usado, principalmente na área empresarial, para seleção de pessoal (URBINA, 1996).

As técnicas projetivas são formas bastante eficientes para se avaliar a personalidade. São instrumentos para a mensuração de características emocionais, motivacionais, interpessoais, distintas das habilidades. São tarefas basicamente não estruturadas. Isto significa que não existe uma orientação para o sujeito trabalhar, deixando-o livre para manifestar seus desejos e suas formas de agir. São dadas apenas, instruções breves e gerais em relação a execução do teste. Os estímulos também, são vagos e ambíguos, facilitando ainda mais a auto-expressão. O material servirá como uma espécie de tela, na qual o sujeito projetará suas características nas respostas formuladas. Tipicamente, os instrumentos projetivos também representam procedimentos de testagem disfarçada, na medida em que os testandos raramente se dão conta do tipo de

interpretação psicológica que suas respostas terão. É uma técnica caracterizada pela abordagem global da avaliação pessoal, onde será avaliado um quadro composto de toda a personalidade, e não de traços isolados. São especialmente efetivas para revelar aspectos da personalidade encobertos, latentes ou incoscientes. As técnicas projetivas originaram-se de um ambiente clínico, mas se prestam hoje, à todas as áreas da psicologia experimental (ANASTASI,1988).

A associação livre, lembrando, foi a primeira forma do teste projetivo. Através dela, o sujeito se encontra completamente livre para se colocar, trazendo assim , possibilidade de se expor em sua colocações. Conforme definição de ANASTASI (1988, p. 21), “as técnicas projetivas incluem desenho, organização de brinquedos de maneira a representar uma cena, representação dramática improvisada, disposição de fotografias de acordo com a ordem de preferência, interpretação de uma série de quadros ou borrões de tinta”.

As dificuldades encontradas na mensuração da personalidade vem contribuindo para estudos na área, refletindo em mudanças e expansão nas diversas formas de mensuração das infindáveis manifestações humanas. Esta constante mutação exige efetiva atualização do profissional. O manual de testes traz informações necessárias para a administração, correção e avaliação. Assim como os catálogos de editores, são fonte de informação atualizada nas diversas pesquisas em curso (CRONBACH, 1996).

ANASTASI (1977), define teste psicológico como, fundamentalmente, uma medida objetiva e padronizada de uma amostra de comportamento. Como qualquer método científico, parte de uma amostra pequena, mas cuidadosamente escolhida, do comportamento dos indivíduos. O teste serve para medir o

comportamento e neste sentido usa-se o termo “medir a capacidade”, ou a potencialidade para determinada aquisição.

A busca da padronização implica em uniformizar o processo de aplicação e avaliação do teste. Isso porque o rigor científico preconiza condições controladas. O estabelecimento de normas é o que possibilita sua interpretação e esta se efetiva a partir da comparação entre os indivíduos. Dessa comparação se estabelece o grupo de indivíduos chamados típicos ou médios, que são aqueles que emitem as ações observáveis que mais se caracterizam como semelhantes em seu grupo (URBINA, 2000).

Os testes são organizados em graus de dificuldades e sua precisão significa sempre estabilidade ou consistência. Isto significa dizer, que um teste, para ser considerado preciso, deve repetir sempre os seus resultados em circunstâncias normais. Um teste que mede a inteligência de uma criança em uma determinada data, deverá repetir seu resultado em outra data subsequente, se não houve nenhum fator que interferisse na produção da criança, seja a nível externo ou interno. A validade, ou “o que o teste pretende medir”, configura com os objetivos da avaliação. Sua determinação exige critérios externos independentes daquilo que se pretende medir. Por isso, leva-se em conta outras formas de obtenção de dados, outras fontes de informação. Tem-se percebido movimentos que buscam a interpretação dos resultados dos testes de acordo com os critérios de validação. A validade de um teste é reconhecida, quando os resultados condizem com o desempenho posterior do testando, naquela área em ele foi testado. Um bom teste para verificação do desempenho de um funcionário na área de matemática, será considerado válido, se o mesmo após iniciar o seu trabalho,

tiver facilidade em executar as tarefas que dizem respeito à área na qual foi avaliado (URBINA, 2000).

O controle do uso dos testes psicológicos, é uma questão que se tem prestado muita atenção ultimamente. ANASTASI(1988, p. 35), justifica este controle, “para evitar a familiarização do público com o conteúdo do teste, o que o invalidaria”. O controle também deve assegurar seu manejo a examinadores qualificados. Quando o público leigo começa a conhecer os testes, começa também a investigar a forma de valoração dos mesmos, isto faz com que o mesmo perca a sua validade, uma vez que não pode ser aplicado em pessoas que já dominam sua técnica. Se o teste for aplicado por examinadores leigos, que não se preocupam em seguir sua padronização, por inexperiência ou por ignorância, este pode também perder o seu valor, pois deixa de ser aplicado da maneira correta, o que pode alterar radicalmente os seus resultados (CRONBACH, 1996).

Para evitar então o uso inadequado como os expostos acima, tornou-se necessário exigir uma série de defesas em torno dos testes e dos seus resultados. A primeira e fundamental exigência é que sua venda seja efetuada apenas ao profissional devidamente habilitado, portanto qualificado para seu manejo. Do comprador é exigido o seu registro no Conselho, comprovando a sua real habilitação para manejar o instrumento. Da mesma forma, os resultados dos testes devem ser liberados apenas para profissionais qualificados para sua leitura. Geralmente esse profissional é quem solicitou a avaliação. Eticamente falando, estes resultados devem ser manipulados com extremo cuidado, e só podem ser usados para o fim ao qual foi proposto no início da testagem. A linguagem do

retorno, deve ser acessível ao profissional em questão, ou seja, àquele que receberá os resultados, sob pena do mesmo não decifrar a mensagem que lhe foi enviada, correndo o risco de fazer interpretações errôneas do laudo que lhe foi enviado (URBINA, 2000).

Em linguagem psicométrica, o termo “rapport”, traduzido por “relação”, refere-se ao esforço do examinador em despertar o interesse do sujeito pelo teste. O rapport acontece antes da aplicação, e é o momento oportuno, para se dar as devidas orientações ao examinado em relação ao trabalho que ele irá iniciar. É também o momento de esclarecer as dúvidas que poderão surgir, e tentar deixar o examinado o mais a vontade que for possível, para que haja pouca ou nenhuma interferência do fator emocional, devido a situação de estar sendo testada, a qual, por si só, já é ansiogênica (LODI, 1991).

Há acirradas discussões quanto aos procedimentos desejáveis de aplicação dos testes. É idéia unânime que o examinador tenha preparo prévio da sua atividade. Não se deve contar com improviso no decorrer do processo da sua utilização. Por isso, todo o material deve ser preparado com antecedência, e o examinador deve estar preparado para qualquer situação anormal que possa acontecer. Deve-se estar atento às condições de teste, considerando o ambiente. Este deve ser o mais neutro possível, sem a presença de interferências externas, tanto a nível visual quanto de sons que podem interferir na atenção do examinando. Para ANASTASI (1988, p. 523), os testes de personalidade são instrumentos utilizados para a mensuração de características emocionais, de motivação, interpessoais e de comportamento, diferentes das habilidades.

Os testes de personalidade são representados, principalmente, pelas técnicas projetivas e as de inventários de personalidade. Os inventários de personalidade são baseados na validade do conteúdo, critério de gabarito empírico, análise fatorial e teoria da personalidade. Nas investigações, costuma-se lançar mão de dois ou mais destes processos em um único inventário. Os diversos inventários se distinguem pela organização dos itens que os compõem. A primeira experiência de inventário de auto descrição da personalidade foi a Folha de Dados Pessoais de Woodworth, criada durante a primeira guerra mundial. Este teste surgiu da necessidade de padronização da entrevista psiquiátrica, assim como de adaptar sua utilização na avaliação em massa. Ele parte dos sintomas manifestos nos quadros neuróticos, descritos pela psiquiatria clássica, definidos como fobias ou medos anormais, obsessões e compulsões, pesadelos e outras perturbações do sono, fadiga excessiva e outros sintomas psicossomáticos, sentimentos de irrealidade e perturbações motoras como tiques e tremores (CRONBACH, 1996).

O critério de gabarito empírico refere-se ao desenvolvimento de uma chave de correção, em função de alguns critérios externos. Acontece após a seleção dos itens e atribuições valorativas das respostas dadas pelo sujeito avaliado. São citados como critério de gabarito o método de grupos contrastantes (apoio ao diagnóstico de neurose), estudo de reação A-S (medida de ascendência-submissão), o inventário de personalidade de Minnessota (diagnóstico diferencial dos traços de personalidade ligados à patologia) (URBINA, 2000).

Deve ser salientado a questão cultural na concepção dos testes de personalidade, a partir das condições da cultura e dos grupos específicos. Não se

pode esquecer que é no seio da sociedade que se estabelecem os padrões aceitos como normais.

Na tentativa de chegar a uma classificação mais sistemática dos traços da personalidade, alguns estudiosos voltaram-se para a análise fatorial. Em vez de correlacionar os resultados totais nos inventários existentes, as pesquisas caminharam para o cálculo de intercorrelações entre itens isolados de muitos outros inventários. O estudo de temperamento de Guilford-Zimmerman é considerado um clássico nesse avanço histórico. Partindo de itens afirmativos, possibilita ao investigador que se guie por normas de percentil e de resultados-padrão. É importante que seja interpretados não somente pelos resultados de traços isolados, mas também por perfis totais. CATTELL é citado por ANASTASI (1988, p. 539) como um grande colaborador da extensão dos métodos fatoriais para a construção de inventários de personalidade. A partir do levantamento de termos que indiquem traços de personalidade, ele se valeu de uma amostra, e por intercorrelações de análises fatoriais das avaliações das respostas, elabora as fontes de traços primários da personalidade.

É sustentada a idéia de que a identificação dos traços primários da personalidade deve ser confrontada com resultados de outras fontes de informação. Sugere que haja concomitância entre as técnicas de questionários e testes projetivos. ANASTASI (1988) ressalta que, a partir da pesquisa fatorial, Cattell e seus colaboradores construíram uma série de inventários de personalidade. O mais utilizado é o Questionário de Dezesesseis Fatores de Personalidade – 16 PF. Este teste se coloca como um dos mais usados atualmente, desta categoria. Ele se presta com muito louvor, à estudantes que

necessitam de uma orientação vocacional, além de ser usado em outras áreas, como a clínica, a empresarial, e outras.

3.3 - O TESTE 16 PF DE CATTELLE

O 16 PF ou questionário de 16 fatores da personalidade, embora lançado em 1970, torna-se popular, principalmente por sua acessibilidade à avaliação psicológica com a ajuda do computador. É um recurso que fornece uma descrição compreensiva da personalidade. Compreende uma definição de componentes básicos da personalidade, a partir dos traços de personalidade da literatura psiquiátrica. Existem cinco formas do teste, divididas por níveis de vocabulário. É considerado ideal o uso de quatro formas. O teste mede 16 fatores primários e 4 secundários e se aplica a sujeitos acima de 16 anos. É indicado para avaliação objetiva da personalidade. Segue um quadro das características da personalidade que o teste 16 PF se propõe a analisar. As características se organizam em fatores e classificam os traços de personalidade (CRONBACH, 1996).

FATOR A

RESERVADO, indiferente, crítico, frio (esquizotimia)	EXPANSIVO, afetivo, condescendente, participante (ciclotimia)
A pessoa com resultados baixos neste fator (1 – 3), tende a ser formalizada, fria, cética e arredia. Prefere coisas às coisas, gosta de trabalhar sozinha e é propensa a ser intransigente em suas opiniões. Tende a ser precisa e “rígida” na maneira de fazer as coisas e em seus padrões pessoais – traços esses desejáveis em muitas ocupações. Pode tender, às vezes, a ser crítica, obstrutiva e dura.	Com alto resultado no Fator A (8 – 10) as pessoas tendem a ser afáveis, complacentes, emocionalmente expressivas, prontas a cooperar, atenciosas para com os outros, de bom coração, gentis e de fácil adaptação. Gostam de ocupações que envolvam contatos pessoais. Prontamente organizam grupos ativos, são generosas em suas relações pessoais, menos susceptíveis, mais hábeis em recordar o nome das pessoas, mas às vezes são menos merecedoras de confiança quanto a precisão no trabalho e ao cumprimento de obrigações.

FATOR B

<p>MENOS INTELIGENTE, pensamento concreto. (Capacidade mental mais baixa)</p>	<p>MAIS INTELIGENTE, pensamento abstrato (Capacidade mental mais alta)</p>
<p>A pessoa com resultados baixos neste fator é mais lenta para aprender e apreender, inclinada a interpretações literais e concretas. Sua lentidão pode ser simplesmente um reflexo do baixo nível de inteligência, ou pode resultar de seu funcionamento deficiente, devido a psicopatologias.</p>	<p>A pessoa com alto resultado no Fator B tende a viver na apreensão de idéias, rápida para aprender, inteligente. Há certa correlação entre este fator e nível de cultura e vivacidade. Resultados altos indicam não deterioração mental, em condições patológicas.</p>

FATOR C

<p>SENSÍVEL AS IMPRESSÕES AFETIVAS. Emotivamente instável, facilmente perturbado. (Menor força do Ego)</p>	<p>EMOCIONALMENTE ESTÁVEL, enfrenta a realidade, calmo, amadurecido (maior força de Ego)</p>
<p>Com baixos resultados no Fator C, a pessoa tende a ser incapaz de tolerar frustrações decorrentes de condições insatisfatórias, inconstante, impressionável, esquivando-se às exigências da realidade; sujeito a fadiga neurótica, é irritável, facilmente se emociona e se contraria, insatisfeita, com sintomas neuróticos (fobias, perturbações do sono, mal estares psicossomáticos).</p> <p>Baixos resultados em C é comum a quase todas as formas de neuroses e algumas psicoses.</p>	<p>A pessoa que tem alto resultado em C, tende a ser emocionalmente madura, estável, calma, com visão realista da vida, imperturbável, com ego forte, mais capaz de manter firme a moral de grupos. As vezes pode ser uma pessoa que assume um ajustamento resignado a problemas emocionais não resolvidos. Psicólogos clínicos têm observado um bom nível em C, permite às vezes, que as pessoas consigam um ajustamento afetivo, a despeito de um potencial psicótico subjacente.</p>

FATOR E

HUMILDE, brando, acomodado, conformado (submissão)	AFIRMATIVO, independente, agressivo, obstinado (Dominância)
A pessoa com resultado baixo Fator E tende a ceder aos outros, a ser dócil, a conformar-se. Frequentemente é dependente, pronta a reconhecer suas culpas e tem uma preocupação obsessiva por correção. Esta passividade faz parte de muitas síndromes neuróticas.	Com resultado alto em E, a pessoa é positiva, segura de si e de espírito independente. Tende a se austerar, a ser senhora de si, hostil e extrapunitiva, autoritária (para com os outros) mas sem consideração pela autoridade.

FATOR F

SÓBRIO, prudente, sério, taciturno	DESPREOCUPADO, impulsivamente animado, alegre, entusiasta
A pessoa com resultado baixo em F, tende a ser comedida, reticente, introspectiva. Às vezes pode ser melancólico, pessimista, excessivamente ponderada e tida pelos observadores como “impecável” e meticulosamente correta. Tende a se uma pessoa séria e digna de confiança.	Com altos resultados, a pessoa tende a ser jovial, ativa, tagarela, franca, expressiva, agitada. Frequentemente é escolhida como líder por eleição. Pode ser impulsiva e volúvel.

FATOR G

<p>EVASIVO, esquiva-se de normas, sente-se com poucas obrigações (menor força de Superego)</p>	<p>CONSCIENCIOSO, perseverante, prudente, ponderado, preso a normas (maior força do Superego</p>
<p>A pessoa com resultados baixos no Fator G, tende a ser instável em seus propósitos. De comportamento imprevisível e fortuito, não se empenha em empreendimentos coletivos nem se esforça por aderir às exigências da sociedade. Sua independência das influências do grupo pode levá-la a atos anti-sociais, mas às vezes torna-se mais eficiente, porque, não se deixando enlear por normas e regras, é menos sujeita a perturbações psicossomáticas devidas a “stress”.</p>	<p>A pessoa com resultado alto neste fator tende a ser escrupulosamente correta, dominada pelo senso de dever, perseverante, responsável, ordenada, preocupada em aproveitar todos os minutos. Geralmente é conscienciosa e moralista e prefere os “superocupados” aos companheiros divertidos. Deve-se distinguir o imperativo categórico profundo deste superego essencial (no sentido psicanalítico), do “ego Social” de Q3, que lhe é superficialmente semelhante.</p>

FATOR H

ACANHADO, reprimido, receoso, tímido	DESENVOLTO, desembaraçado, ousado, espontâneo
<p>Com baixos resultados neste traço, a pessoa tende a ser acanhada, retraída, cautelosa, modesta. Geralmente tem sentimentos de inferioridade. Tende a ser lenta e inibida para falar e exprimir-se, principalmente em público, ou diante de muitas pessoas. Não gosta de ocupações que exijam contatos pessoais, prefere o convívio de um ou dois amigos íntimos a grandes grupos e não é capaz de tomar conhecimento de tudo ao seu redor.</p>	<p>A pessoa com alto resultado em H é sociável, afoita, pronta a experimentar coisas novas, espontânea e muito rica em reações emotivas. Sua “couraça” habilita-a a enfrentar sem fadiga as agruras do trato com as pessoas e com situações emotivas desagradáveis. Contudo, pode ser descuidada e imprudente, não dando atenção às coisas pequenas e aos sinais de perigo, e consumir muito tempo em conversas. Tende a ser atrevida em relação às pessoas do outro sexo e a ter por elas interesse ativo.</p>

FATOR I

RÍGIDO, confiante em si, realista, prático	BRANDO, terno, dependente, superprotegido, sensível
A pessoa com baixo resultado no Fator I, tende a ser prática, realista, masculina, independente, responsável, mas propensa ao ceticismo quanto a elaboração de ordem cultural e subjetiva. Costuma ser firme, dura, cínica e convencida. Tende a fazer um grupo agir numa base de senso prático e realista.	A pessoa com alto resultado em I, tende a ser sensível e delicada, sonhadora, artista, caprichosa, feminina. Às vezes é exigente – reclama a atenção e auxílio – impaciente, dependente, sem senso prático. Desagradam-lhe as pessoas rudes e as ocupações grosseiras. Tende a atrapalhar o desempenho de grupos e a perturbar-lhes o moral com problemas frívolos e irreais.

FATOR L

CONFIANTE, acomodado, sem ciúmes, fácil de lidar	DESCONFIADO, obstinado em sua opinião, difícil de enganar
As pessoas que têm resultados baixos em L, tendem a ser sem propensão ao ciúme, acomodados, alegres, poucas dadas a “ser do contra”, preocupadas com os outros, bons membros de grupo.	A pessoa com alto resultado em L, tende a ser suspeitosa a levantar dúvidas, a desconfiar. Quase sempre as voltas com o seu próprio eu, é obstinada em suas opiniões – não confia nos outros – e interessada na vida mental, interior. Geralmente age de caso pensado, sem consideração para com as outras pessoas; é fraco membro de grupo.

FATOR M

<p>PRÁTICO, cuidadoso, formalista, regulado pela realidade exterior, preciso</p>	<p>IMAGINOSO, voltado para as solicitações interiores, descuidado de assuntos práticos, boêmio</p>
<p>A pessoa com baixos resultados no Fator M tende a Ter a preocupação de fazer certas coisas, de atender ao que é prático, exequível. Preocupa-se com detalhes, é capaz de conservar a “cabeça fria” nas emergências mas às vezes carece de imaginação.</p>	<p>Com altos resultados em M, as pessoas tendem a ser informais, desinteressadas dos problemas corriqueiros de cada dia. Boêmio, automotivadas, de imaginação criadora, subjetivas, interessadas em idéias básicas e no “essencial”, esquecidas das pessoas e da realidade física. Seus interesses, sob comando interior, as levam por vezes a situações extravagantes acompanhadas de explosões emocionais. Dada a sua individualidade, tendem a ser rejeitadas em atividades de grupo.</p>

FATOR N

GENUÍNO, natural, sem artifícios, sentimental	REQUINTADO, esmerado, apurado, sagaz
A pessoa com baixo resultado no Fator N tende a ser simples, sentimental, sem sofisticações. Às vezes é desajeitada, mas fácil de agradar, contentando-se com pouco; é natural e espontânea	A pessoa com alto resultado no Fator N tende a ser polida, experimentada, elegante, requintada. Geralmente é teimosa e analítica. Tem maneira fria, não sentimental e intelectualizada de abordar as situações, a qual se aproxima muito do cinismo.

FATOR O

<p>PLÁCIDO, seguro de si, confiante, sereno (adequação serena)</p>	<p>APREENSIVO, preocupado, deprimido, perturbado(Propensão ao sentimento de culpa)</p>
<p>A pessoa com baixo resultado no Fator O tende a ser plácida, com nervos inabaláveis. Tem em si e na sua capacidade de lidar com as coisas, uma confiança madura e tranquila. É segura e imperturbável, a ponto de ser insensível à discordância dos outros, de modo que pode provocar antipatia e desconfiança.</p>	<p>Com alto resultado no Fator O, a pessoa tende a ser deprimida, mal humorada, preocupada, cheia de pressentimentos, apreensiva. Tem uma tendência infantil a angustiar-se quando em dificuldades. Em grupo, não se sente aceita nem disposta a participar. Um alto resultado em O é muito comum em grupos clínicos de todos os tipos.</p>

FATOR Q1

<p>CONSERVADOR, respeitador de idéias estabelecidas, tolerante para com as dificuldades mantidas por tradição</p>	<p>EXPERIMENTADOR, renovador, crítico, liberal, analisador, de pensamento livre</p>
<p>A pessoa com baixos resultados no Fator Q1, confia no que lhe ensinaram a acreditar, prefere aceitar o assentado, a verdade estabelecida, apesar das incongruências, em lugar de cogitar coisa melhor. É cautelosa e prudente em relação a idéias novas. Assim tende a se opor às mudanças e a protelá-las, é inclinada a aceitar a tradição, é mais conservadora em religião e em política, e tende a não se interessar pelo pensamento analítico e “intelectual”.</p>	<p>Com alto resultado em Q1, a pessoa tende a se interessar por assuntos de ordem intelectual, é capaz de criticar e levantar dúvidas relativas a conceitos básicos, submete à crítica, problemas fundamentais. É cética e inquiridora em relação a idéias velhas ou novas. Tende a ser mais bem informada, menos inclinada a moralizar, mais dada a tentar experiências na vida em geral e mais capaz de tolerâncias com as inconveniências e as mudanças.</p>

FATOR Q2

DEPENDENTE DO GRUPO, sectário, fiel seguidor (aderência ao grupo)	AUTO-SUFICIENTE, prefere suas próprias decisões, basta-se a si próprio (auto-suficiência)
A pessoa com baixo resultado em Q2 prefere trabalhar e tomar decisões com outras, gosta e depende da aprovação social e da admiração dos outros. Tende a acompanhar o grupo e pode carecer de resolução. Não é necessariamente gregária por gosto, mas porque precisa de apoio do grupo.	A pessoa com alto resultado no Q2 é independente por temperamento, acostumada a seguir seu próprio caminho, tomando decisões e agindo por conta própria. Não leva em conta a opinião pública, mas não é necessariamente dominante. Não é que as pessoas lhe desagradem; simplesmente não precisa de se apoio ou aprovação.

FATOR Q3

<p>SEM AUTO DISCIPLINA, não faz caso de normas, segue seus próprios impulsos (Baixa integração)</p>	<p>CONTROLADO, socialmente correto, comandado por sua auto imagem (auto controle)</p>
<p>Com baixos resultados em Q3, a pessoa não terá preocupação com força de vontade nem consideração pelas exigências sociais. Não será nem muito atenciosa, nem cuidadosa, ou dedicada. Poderá sentir-se desajustada; em muitos desajustamentos (especialmente os afetivos, mas não os paranóides), aparece em Q3.</p>	<p>Com altos resultados em Q3, a pessoa tende a Ter forte controle de suas emoções e de seu comportamento em geral; é atenta às regras sociais e demonstra o que comumente se chama “respeito próprio” e consideração pela própria reputação. Todavia tende, às vezes, a ser obstinada.</p> <p>Os líderes afetivos e alguns paranóides têm Q3 alto</p>

FATOR Q4

FLEUMÁTICO, tranquilo, apático, sem frustração (baixa tensão)	TENSO, frustrado, impulsivo, irritadiço (alta tensão)
<p>Com baixos resultados no fator Q4, a pessoa tende a ser calma, distendida, serena e satisfeita (não frustrada) . Em algumas situações, a sua satisfação completa pode conduzi-la a indolência e ao desempenho insatisfatório, considerando-se que a falta de motivação não cria condições para muitas tentativas de ensaio e erro.</p> <p>Inversamente, alto nível de tensão pode prejudicar a atividade escolar e de trabalho.</p>	<p>A pessoa com alto resultado em Q4 tende a ser tensa, excitável, inquieta, agitada, impaciente. Está sempre fatigada, mas incapaz de permanecer inativa. Em grupos, não se dá bem conta do grau de unidade, de ordem e de liderança. Sua frustração representa um excesso de impulsos estimulados mas não descarregados</p>

A análise fatorial apresenta uma técnica para reunir itens de inventários de personalidade em grupos relativamente homogêneos e independente. Essa reunião deve facilitar a investigação de validade, com relação a critérios empíricos. Deve também permitir a combinação mais eficiente dos resultados para a predição dos critérios específicos. É defendido por ANASTASI (1988) que a homogeneidade e pureza fatorial são objetivos desejáveis na construção de testes; todavia, não substituem a validação empírica.

O desenvolvimento de testes está intimamente ligado aos estudos referentes às teorias de personalidade. Dentre as teorias da personalidade que estimularam o desenvolvimento de testes, destaca-se a de MURRAY e seus colaboradores, com seu sistema de necessidade manifesta. O inventário de Preferência Pessoal de EDWARDS parte das necessidades levantadas por MURRAY: necessidade de realização, deferência, exibição, percepção interna, dominação e generosidade. Esse inventário utiliza de resultados intra-individuais (defendendo que as necessidades causam interferência umas nas outras) e referências normativas. É considerado de difícil avaliação e interpretação. O Identificador do Tipo Myers-Briggs é baseado na teoria de tipos de Jung e supõe que os indivíduos se diferenciam, sistematicamente, em suas preferências básicas com relação à percepção e julgamento. As principais são: extroversão - introversão, sensação – intuição, pensamento - sentimento, julgamento - percepção. É comum acontecerem simulações nos inventários de autodescrição. É característica em suas respostas a conveniência social. A impressão desejada pode ser deliberadamente criada nesses inventários (CRONBACH, 1996).

A tendência a escolher respostas socialmente convenientes não indica, necessariamente, falseamento deliberado por parte do sujeito. Essa tendência pode indicar falta de visão de suas próprias características, auto falseamento ou relutância para enfrentar as limitações. Para alguns estudiosos, se relacionam à autopreservação do indivíduo, onde procura evitar o criticismo, a conformidade e a aprovação sociais. A técnica de escolha forçada surge com a pretensão de controlar essa manifestação de simulações nas respostas dadas nos testes. Ela exige do sujeito a opção entre duas proposições descritivas, a partir de informações que possui de cada alternativa: a conveniência social (ou índice de preferência) e sua validade (ou índice de discriminação) (URBINA , 2000).

3.4 – O ESTADO DA ARTE DO TESTE 16 PF DE CATTELLE

O teste 16 PF de Cattelle, tem sido usado em pesquisas que requerem o estudo da personalidade, em diversos países e em diversas situações. Através de uma pesquisa feita em banco de dados de Universidades, pudemos conhecer mais de 2000 pesquisas em que fora usado este teste, objetivando comparações entre grupos. Selecionamos algumas delas para expor aos leitores .

As pesquisas foram retiradas do site do banco de dados da UFSC (www.ufsc.br) Na maioria, são pesquisas feitas nos Estados Unidos ou na Inglaterra. Foram selecionadas e traduzidas, com o intuito de mostrar como diversos estudiosos têm utilizado este teste, com fins variados, mas sempre na busca de entender diferenciações entre grupos ou entre pessoas do mesmo grupo, no que diz respeito a fatores diferenciados da personalidade.

1 . Pesquisa feita na Inglaterra

Estudo comparativo entre mulheres estudantes e mulheres jogadoras profissionais de golfe (atletas) com o 16 PF.

O 16 PF foi aplicado em 29 estudantes de um curso feminino, em 8 estrelas do golf profissional e em 8 jogadoras do time de golfe da faculdade. O resultado mostrou que as estudantes do curso feminino eram muito mais ousadas, determinadas e mais imaginativas do que tanto as jogadoras de golfe profissional como as jogadoras do time da faculdade. (PsycInfo database, 2000 APA)

2. Pesquisa realizada nos Estados Unidos – Harold-K

Background familiar e tempo de estadia hospitalar, pontuação (scores) do 16 PF, adolescentes esquizofrênicos vs neuróticos vs com desordem de personalidade vs distúrbios situacionais transitórios.

A utilização do 16 PF com adolescentes internados num hospital estadual. O 16 PF foi aplicado em 92 adolescentes pacientes, em ambiente hospitalar público. Estes adolescentes tinham habilidades de leitura em nível de oitava série e tinham passado pela rotina do programa de testes. Também obtido para cada S estavam questões sobre história social contendo 12 itens de informações relevantes, um sumário de características demográficas pertinentes e classificação de diagnóstico.

Os resultados revelam que os scores dos pacientes caíram dentro da margem normal para cada uma das escalas do 16 PF e estes fatores estavam

intimamente ligados aos fatores sociais de tempo de permanência no hospital e às classes sociais a que seus pais pertenciam, e os scores do 16 PF não discriminavam entre os pacientes, os 5 grupos de diagnóstico (esquizofrenia paranóide e outros tipos de esquizofrenia, neurose, desordens de personalidade e distúrbios situacionais transitórios). Isto sugeriu que, para que o 16 PF se torne uma técnica mais significativa de personalidade , com adolescentes perturbados emocionalmente, pacientes de hospitais psiquiátricos estaduais, investigações futuras sobre a validade e a confiabilidade deste teste com este tipo de população são necessárias. (psycInfo, 2000 APA).

3. Pesquisa feita em Israel – Tel Aviv U

Análise entre culturas, propriedades psicométricas do 16 PF, estudantes da Universidade de Israel vs amostragem original norte-americana. Uma checagem inter-cultural da estrutura da personalidade no 16 PF.

Testou-se a contenção que a transferência de uma escala entre culturas é melhor atingida quando a escala tem homogeneidade baixa. O 16 PF foi aplicado a uma amostragem aleatória de 514 estudantes universitários em Israel. Os dados forneceram essencialmente as mesmas propriedades psicométricas que encontradas nas amostragens norte-americanas. O problema da homogeneidade é discutido mais adiante em relação a coeficientes válidos. (PsycInfo, 2000 APA)

4. Pesquisa feita na Inglaterra - Manchester

Características demográficas e traços do 16 PF, performance de tarefas e habilidades pessoais e de supervisão. Lidando com o comportamento sob stress

ocupacional. Lidando com o stress ocupacional entre o pessoal da Força Aérea Real (RAF-inglesa) em bases localizadas em ilhas isoladas.

Avaliação de características demográficas e psicométricas relacionadas a performance de tarefas, habilidades de supervisão, habilidades pessoais e condutas durante um período de relativo isolamento e confinamento para o pessoal da 64 Força Aérea Real (RAF). Um número de traços do 16 PF e certos fatores demográficos prognosticaram a eficiência da performance de trabalho e conduta dos Ss (sujeitos) sob tais condições. (PsycInfo, 2000 APA).

5. Pesquisa feita em New York

Criatividade figural, personalidade e denominação visível na pré-adolescência.

Tentativa de determinar se diferentes níveis de criatividade figural (tais como medidos nos testes de Torrence) estão ligados a fatores de personalidade (tais como medidos pelo 16 PF e pelo questionário de personalidade infantil – CPQ). Os Ss (sujeitos) foram 98 crianças da Quinta série (QI médio de 108). Criatividade figural estava relacionada a comportamentos sociáveis e extrovertidos. Um múltiplo r de 38 foi obtido entre criatividade e os fatores de CPQ : timidez vs extroversão, sóbrio vs entusiástico, relaxado vs, tenso, fleumático vs excitável. (PsycInfo , 2000 APA)

6. Pesquisa feita em Michigan

Fatores de Personalidade e personalidade percebida como prognóstico das variações de papéis sociais entre os idosos.

Traços de personalidade e personalidade visível percebida, prognóstico de participação em papéis sociais e envolvimento, em idosos.

A literatura sobre o envelhecimento contém muitas referências sobre a importância dos fatores tanto da personalidade real como da percebida no processo de envelhecimento, porém poucas evidências empíricas foram reunidas. Os 42 Ss (sujeitos) com idade média de 76.7 anos, no presente estudo, foram pedidos para indicar, usando a percentagem da escala de papel social, seus níveis presente e passado de participação em papéis sociais e o papel de envolvimento presente e a responder a partes do 16 PF tanto sob a grade de auto-percentual e a típica escala de visualização. Os resultados são vistos como sustentando a posição de que qualquer queda nos fatores dizem respeito ao presente enquanto o nível de atividade interpessoal presente parece ligado a fatores de personalidade associados a introversão e extroversão. Foi também encontrado que a discrepância entre auto-percentagens e a típica escala de visualização (ratings of peers), estava fortemente ligada correlacionada com atividade interpessoal. (psicInfo 2000, APA)

7. Pesquisa realizada na Califórnia

Comportamento social e personalidade. Membros da igreja vs não-membros, mudanças na personalidade no período de 5 anos, medido pelo 16 PF, estudantes de colegial na Nova Zelândia.

Foram examinados grupos de 108 membros ativos da igreja e 53 não membros (todos estavam no último ano do colegial na Nova Zelândia) para checar mudanças na personalidade num período de 5 anos. Avaliação da personalidade foi obtida através do uso de 16 PF. Os resultados indicam que em ambas as testagens o grupo de membros ativos da igreja foi significativo e consistentemente diferente em diversas dimensões da personalidade. Especificamente, eles tendiam a ser mais ternos, com superego mais rígido, com baixa dominância e mais conservadores do que os não membros da igreja. Durante o período de 5 anos somente o grupo de membros ativos tiveram diminuídas significativamente sua disposição para culpa e ansiedade. Os resultados são consistentes com outras pesquisas nessa área. (PsycInfo, 2000. APA).

8. Pesquisa realizada no Estado de Indiana

Três estudos sobre personalidade: Estudantes de educação física, não-formandos. Habilidades perceptuais e motoras. Traços de personalidade masculina vs feminina como medidos pelo 16 PF.

No estudo I, 85 estudantes de educação física ainda não graduados foram comparados sob as normas do 16 PF de 1962; os sujeitos tinha ego fortificado, e mais dominantes, entusiásticos, práticos, ingênuos, seguros de si, e dependentes do grupo. No estudo II, 50 sujeitos similares se submeteram ao teste de 1967 e foram mais baixos em inteligência, maiores na força do superego, e mais controlados e práticos. No estudo III, 39 sujeitos femininos similares se submeteram ao teste de 1967 e foram mais baixas em inteligência, reservadas,

práticas e conservadoras. Os resultados geralmente concordam com trabalhos prévios usando o mesmo instrumento e discordam de conclusões comuns no que tange a adaptação para o ensino por outros investigadores usando instrumentos diferentes. (PsycInfo, 2000 APA).

9. Pesquisa realizada no Estado de Indiana

Dois estudos sobre personalidade: Estudantes formandas em educação física.

Pontuação (scores) do 16 PF, estudantes formandas em educação física, comparação com as normas para população geral de 1962 e 1970.

No estudo I, os scores para as estudantes formandas em educação física foram comparados às normas para a população em geral no 16 PF de 1962; os sujeitos do presente estudo tiveram scores altos para inteligência e baixos para iniciativa e perspicácia. No estudo II, os scores de 35 sujeitos similares foram comparados às normas do 16 PF de 1970; os sujeitos tiveram scores altos em inteligência e força do Ego e baixos em iniciativa e flexibilidade. (PsycInfo, 2000, APA).

10. Estudo realizado nos Estados Unidos – Kurukshetra U, India

O 16 PF foi aplicado em 100 professores populares e 100 professores não-populares a fim de identificar traços de personalidade que diferenciassem os 2 grupos. A análise dos fatores das respostas dos sujeitos revelou que haviam 4 fatores que se diferenciavam entre os 2 grupos: Empenho, auto-confiança, habilidade e perseverança, e calma. (PsycInfo, 2000. APA)

11. Estudo realizado na Inglaterra – U. Edinburgh

Aplicou-se o 16 PF em 68 asmáticos selecionados aleatoriamente de registros de casos conhecidos, 14 asmáticos indicados para tratamento psiquiátrico, 22 neuróticos e 22 saudáveis. Os asmáticos escolhidos aleatoriamente eram significativamente mais submissos e humildes (baixo fator E), ainda que mais rígidos (baixo fator I) e mais radicais (alto fator Q) do que uma larga amostragem da população geral para os quais os dados normativos de comparação estavam disponíveis. Não havia evidência de relação entre fatores de personalidade e o índice de severidade da asma. Um dado que chamou a atenção nos resultados foi a grande variabilidade de scores indicando que alguns dos asmáticos eram passíveis de serem tão angustiados por certos traços de personalidade, como por sua patologia. (PsycInfo, 2000, APA)

Por esta amostragem, pudemos ter uma visão de que o uso do 16 PF é difundido por grande parte do mundo, e tem sido sempre usado com o mesmo intuito de se estudar os traços da personalidade.

3.5 - A QUESTÃO ÉTICA DA TESTAGEM PSICOLÓGICA

Tanto em pesquisa quanto na aplicação prática de seus procedimentos, os psicólogos há muito tempo se preocupam com questões de ética profissional. Por isto, foi criado na década de cinquenta, o primeiro código formal de ética para a profissão. São padrões adotados pelos psicólogos, que sofrem revisões periódicas e aperfeiçoamento contínuo (ANASTASI, 1985).

O código de ética é implementado pelo Comitê de Ética da Associação Psicológica, que investiga e julga queixas contra membros desta associação.

Incluso neste código, existe um capítulo sobre questões de avaliação, e de antecipação de desafios éticos e legais na avaliação da personalidade. O Comitê de Testes e Avaliação Psicológica dedica-se especialmente a considerar os problemas referentes à prática da testagem e avaliação, e a oferecer conselhos técnicos relativos a essa prática. Destina-se a melhorar a maneira como os testes são aplicados e a impedir o uso inadequado, através de uma declaração sobre “Direitos e Responsabilidades dos testandos” (ANASTASI , 1985).

Para que um teste se preste à seu fim, deve ser aplicado e corrigido adequadamente. Portanto, o psicólogo deve oferecer apenas os serviços e usar as técnicas para as quais se encontra qualificado por sua formação, treinamento e experiência. Para testes mais simples, o profissional pode se valer de pessoas treinadas por ele, pois as estas técnicas não exigem uma especialização maior na sua aplicação, apesar de exigirem um conhecimento mais apurado na sua correção e interpretação. Do contrário, os testes mais complexos, exigem do psicólogo um conhecimento mais profundo de técnicas específicas, sendo limitado à ele a sua aplicação, correção e interpretação. Nestes casos, são exigidas qualificações mais longas. Fica claro porém, que o critério de escolha do melhor teste para a situação que se deseja testar, é sempre uma tarefa exclusiva do psicólogo, que possua uma experiência maior para definir o que e como testar. Outra questão ética a ser considerada, diz respeito aos editores. Estes, só podem liberar a aquisição do teste, para profissionais qualificados. Portanto, os compradores de testes devem preencher certos requisitos, como ser portador de inscrição no Conselho de Psicologia e estar qualificado para o uso do material (URBINA, 2000).

Os testes não devem ser liberados sem terem sido testados em termos de validade e fidedignidade. Não devem ser feitas afirmações sobre o material de um teste sem evidências objetivas. Quando um teste for aplicado para o fim de pesquisa, esta condição deve ser especificada na aplicação e no relatório, podendo o psicólogo pesquisador usá-lo da forma que achar conveniente, desde que dentro dos princípios éticos e com o consentimento dos examinandos. Os testes não devem ser divulgados na mídia, devido aos riscos de auto - avaliação e invalidação do material. A questão da privacidade dos resultados, é um ponto importante a ser considerado no caso da ética da testagem. A pessoa deve escolher quando quer compartilhar com os outros os seus pensamentos, sentimentos e fatos sobre sua vida pessoal. Alguns testes psicológicos trazem caracteres disfarçados, que não revelam o que vão investigar, estando assim, o examinando, exposto a confiança do examinador (CRONBACH, 1996).

A testagem não deve ser feita sob falsos pretextos, e o examinando deverá saber o que será feito com os resultados, tendo privacidade em todas as áreas e não somente nos testes de personalidade. Os testes, muitas vezes contém informações que o indivíduo preferiria esconder. Portanto, o psicólogo deve limitar-se a pesquisar apenas as informações que lhes são úteis, deixando de lado aquelas inúteis a seu propósito. Com relação aos resultados dos testes, o psicólogo deve fazer uma avaliação no sentido de considerar quem deve ter acesso à eles. Os resultados não devem ser liberados à um terceiro sem o consentimento do testando. Testes para o contexto institucional, devem conter os objetivos, como os resultados serão utilizados, como será disponibilizado. Isto vale também, para a aplicação da testagem com o fim de pesquisa . Os testes não

consideram diferenciações sociais ou econômicas. Foram introduzidos como meio de compensar a não fidedignidade de outros métodos como entrevistas ou cartas de recomendações. Quando bem utilizados, têm a função importante na não discriminação irrelevante e injusta (URBINA, 2000).

No caso da nossa pesquisa, utilizamos o Teste 16 PF de Catelle. Por ser considerado um teste de aplicação simples, não requerendo maiores técnicas no procedimento, é plenamente aceitável, que seja aplicado por pessoas que não sejam psicólogos, mediante treinamento anterior. Porém, sua interpretação e avaliação, deve ser feita por profissional psicólogo, especializado e habilitado.

Nossos testes foram aplicados por professoras treinadas, e corrigidos e interpretados por um profissional psicólogo habilitado. Por se tratar de um teste aplicado para o fim de pesquisa, foram esclarecidos aos examinandos, todos os dados referentes aos resultados dos testes, incluindo os fatores que podem ser alcançados explicitados pelo teste, e os objetivos almejados pelo pesquisador. Foi enfatizada também, a forma como seriam manipulados e publicados estes resultados, evitando assim, que os dados da pesquisa ferissem, de alguma forma, os critérios éticos, exigidos pelo Comitê de Avaliação Psicológica.

CAPÍTULO IV

INTERNET

“A Era Moderna tem um falso sentido de segurança por causa da grande massa de informações à disposição. Porém, a questão válida é a extensão em que sabem como formar e dominar o material à disposição”. GOETHE, 1832

4.1- A INTERNET

A nova era é demarcada pela preocupação em volta de apontar dos efeitos fundamentais da tecnologia da informação no mundo contemporâneo. As transformações acontecem com grandes conquistas realizadas a partir dos avanços da tecnologia da informação, processamento e comunicação (DIZARD, 1998).

O que caracteriza a atual revolução tecnológica não é o fato de o conhecimento e a informação serem centralizados, mas a aplicação desses conhecimentos e dessa informação para a geração de conhecimentos e de dispositivos de processamento/comunicação da informação em um ciclo de realimentação cumulativo entre a inovação e seu uso. Os usos das novas tecnologias de telecomunicações nas duas últimas décadas passaram por três estágios distintos: a automação de tarefas, as experiências de usos e a

reconfiguração das aplicações. Segundo CASTELLS (1999), nos dois primeiros estágios, o progresso da inovação tecnológica baseou-se em “aprender usando”.

No terceiro estágio, os usuários aprendem a tecnologia “fazendo”. O mesmo autor defende que o ciclo de realimentação entre a introdução de uma nova tecnologia, seus usos e seus desenvolvimentos em novos domínios torna-se muito mais rápido no novo paradigma tecnológico. Conseqüentemente, a difusão da tecnologia amplifica seu poder de forma infinita, à medida que os usuários apropriam-se dela e redefinem-a.

As novas tecnologias da informação não são simplesmente ferramentas a serem aplicadas, mas processos a serem desenvolvidos. Dessa forma, os usuários podem assumir o controle da tecnologia, como é o caso da Internet (MORIN, 1997).

Sem menosprezar a invenção do telefone em 1876, do rádio em 1898, e da válvula a vácuo em 1906, foi durante a Segunda Guerra Mundial que se deram as maiores conquistas tecnológicas em eletrônica: o primeiro computador programável e o transmissor, fonte da microeletrônica, peça chave na revolução tecnológica da informação do século XX. Os computadores criados com objetivos bélicos nasceram em 1941 para auxiliar os cálculos das aeronaves. O primeiro computador eletrônico, que pesava 30 toneladas, foi construído sobre estruturas metálicas com 2,75 m de altura, tinha 70 mil resistores e 18 mil válvulas a vácuo e ocupava a área de um ginásio esportivo. Quando foi acionado, seu consumo de energia foi tão alto que as luzes de Filadélfia piscaram. A primeira versão comercial dessa

maquina primitiva foi o UNIVAC-1, em 1951, um sucesso no processamento dos dados do Censo norte-americano, patrocinado por contratos militares (THOMPSON, 1998).

Em 1964 a IBM com seu mainframe 360/370, conseguiu dominar a industria de computadores. O advento do microprocessador em 1971, com a capacidade de incluir um computador em um chip, pôs o mundo da eletrônica e, sem dúvida, o próprio mundo, estarecidos. Em 1975 um fabricante de calculadoras construiu uma “caixa de computação” - o Altair - que foi a base para o design do Apple I e, posteriormente do Apple II. Este foi o primeiro microcomputador de sucesso comercial, marca do começo da Era da informação.

Em meados dos anos 70, a partir do entusiasmo gerado pelo Altair, dois jovens desistentes de Havard, Bill Gates e Paul Allen adaptaram o BASIC para operar a máquina Altair. Prosseguiram e fundaram a Microsoft, e se tornaram o atual gigante em software (MORIN, 1997).

Não foi apenas todo o sistema de tecnologia que mudou, mas, também suas interações sociais e organizacionais. É claro que essa capacidade de desenvolvimento de rede só se tornou possível graças aos importantes avanços tanto das telecomunicações quanto das tecnologias de integração de computadores em rede, ocorridos durante os anos 70. Aos avanços na microeletônica e em software temos de somar grandes saltos na evolução da capacidade de formação de redes. Desde meados da década de 80, os microcomputadores não podem ser concebidos isoladamente: eles atuam em redes, com modalidade cada vez maior, com base em computadores

portáteis. Essa versatilidade e a possibilidade de aumentar a memória e os recursos de processamento, mudaram decisivamente a era dos computadores nos anos 90. Instaura-se a possibilidade da interatividade de computadores em rede (DIZARD, 1998).

As telecomunicações também foram revolucionadas pela combinação das tecnologias de “nós” (roteadores e comutadores eletrônicos) e novas conexões (tecnologia de transmissão). Os avanços da tecnologia em circuito integrado possibilitaram a criação do computador digital, aumentando a velocidade, potência e flexibilidade com economia de espaço, energia e trabalho, em comparação com os dispositivos analógicos. Houveram avanços importantes em optoeletrônica (transmissão por fibra ótica e laser) e as tecnologias de transmissão por pacotes digitais acabaram promovendo um aumento surpreendente da capacidade das linhas de transmissão. Formas diferentes de utilização do espectro de radiodifusão (transmissão tradicional, transmissão direta via satélite, microondas, telefonia celular digital), assim como cabos coaxiais e fibras óticas, ofereceram uma diversidade e versatilidade de tecnologias de transmissão. As inovações, a todo momento possibilitaram adaptações a uma série de usos e possibilitaram a comunicação ubíqua entre usuários de unidades móveis. Assim, a telefonia móvel, contando com a capacidade dos computadores para o envio das mensagens, forneceu, ao mesmo tempo, a base para a computação ubíqua e para a comunicação eletrônica interativa e ininterrupta em tempo real (DIZARD, 1998).

A Internet é hoje concebida como uma rede mundial de computadores, incluindo computadores tradicionais até micros do porte de um PC. Os computadores intercomunicam-se através das linhas comuns de telefone, das linhas de comunicação privadas, cabos submarinos, canais de satélite e diversos outros meios de telecomunicação (THOMPSON, 1998).

Fazendo um paralelo com a estrutura de estradas de rodagem, a Internet funciona como uma rodovia pela qual a informação contida em textos, som e imagem pode trafegar em alta velocidade entre qualquer computador conectado a essa rede. É por essa razão que a Internet é muitas vezes chamada da "super rodovia da informação". Os computadores que compõem a Internet estão alocados em instituições diversas, como nas universidades, escolas, empresas, cooperativas, prefeituras, e nas próprias residências. No Brasil, assim como em, praticamente todo o mundo, ascende o número de pessoas que têm acesso à Internet. Essa rede disponibiliza informações contidas em textos, som e imagem, atualizadas, e que podem ser acessadas por qualquer computador devidamente conectado, a qualquer momento (THOMPSON, 1998).

A criação de uma "rede de fibra ótica de alta velocidade conectando centros de supercomputadores localizados em pontos chave nos EUA" (1998) é citada como a mola propulsora da Internet nos últimos 10 anos. Essa rede da NSF, chamada de "backbone da NSF", possibilitou a redução significativa dos custo da comunicação de dados para as redes de computadores existentes. Nos últimos 2 anos, o interesse comercial pelo uso da Internet cresceu substancialmente. Muito possivelmente o interesse

comercial, ao lado do cultural e acadêmico constituirá a principal motivação para utilização da Internet nos próximos anos

Dado o caráter descentralizado da Internet, é muito difícil conhecer exatamente o número de computadores conectados a ela e o número e perfil das pessoas que a utilizam. Estatísticas realizadas em 1996, apontavam para um número exorbitante de usuários conectados em todo o mundo - 45 milhões de pessoas. De forma fácil e com custos muito baixos, a Internet possibilita além do acesso a informações localizadas nos mais distantes pontos do globo, a criação, gerenciamento e distribuição de informações em larga escala, no âmbito mundial. Com a Internet uma pessoa qualquer (um jornalista, por exemplo) pode, de sua própria casa, oferecer um serviço de informação baseado na Internet, a partir de um microcomputador, sem precisar da estrutura que no passado só uma empresa de grande porte poderia manter. Essa perspectiva abre um enorme mercado para profissionais e empresas interessadas em oferecer serviços de informação específicos (DIZARD, 1998) .

A Internet não tem dono, isso quer dizer que ela não tem controle central nas mãos de um sujeito determinado ou de uma organização. A organização do sistema é desenvolvida a partir dos administradores das redes que a compõe e dos próprios usuários. Devido à grande capacidade de transmitir idéias e informações de forma livre, alguns governos já tentaram criar formas de controle sobre a Internet. É o que foi tentado nos EUA, em 1997, quando o governo americano, em vão, tentou aprovar no congresso uma lei que permitia um certo tipo de controle sobre as

informações encontradas na rede. O governo brasileiro, através da Embratel, também já mostrou interesse em ter algum tipo de controle sobre a Internet no Brasil. Embalados pelos ideais da censura alegavam que idéias subversivas não podiam circular livremente na rede. Todavia, o único controle que a Internet possui é a responsabilidade de seus usuários (THOMPSON , 1998).

Estar ligado ou conectado à Internet usualmente significa ter uma "conta" em um computador "servidor" que esteja conectado à Internet localizado em uma instituição (ou empresa) que seja provedora de serviços de acesso à Internet. Essa "conta" nesse computador ligado à Internet é usualmente acessada de um microcomputador através de um modem e de uma ligação telefônica comum. Ter essa conta implica em se ter um "endereço eletrônico" na Internet, que funciona de forma similar ao endereço postal. Por exemplo, um possível endereço na Internet poderia ser: lmc@eps.ufsc.br, onde "lmc" representa uma identificação da pessoa ou empresa no computador em que tem uma conta e "eps.ufsc.br" o endereço desse computador na Internet. O ".br" no final do endereço indica que o computador é da rede brasileira. Para se ter acesso a outros países, é necessárias que se tenha a sigla correspondente a este país. Estas são as siglas de redes de computadores de alguns países. Os Estados Unidos não possuem sigla, pois foram os criadores da Internet (DIZARD, 1998).

A linguagem que os clientes e servidores Web usam para se comunicarem é chamada de HTTP (HyperText Transfer Protocol). Todos os clientes e servidores Web precisam "falar" HTTP para poderem enviar e

receber documentos hipermídia. O termo "World Wide Web" é freqüentemente usado para se referir ao conjunto de redes de servidores que "falam" HTTP assim como à coleção global de informação disponível através do protocolo (DIZARD, 1998).

O Brasil vem desenvolvendo o projeto "todo brasileiro tem direito a um e-mail", incentivando a população a inserir no processo de modernização do país defendendo o direito à informação.

Dentre as características principais do novo paradigma tecnológico destaca a informação como sua matéria-prima, apontam para o poder de penetração dos efeitos de sua aplicação no cotidiano das pessoas. A interação acaba por possibilitar o criativo na configuração tecnológica, e a flexibilidade contribui para a crescente convergência de tecnologias específicas para um sistema altamente integrado. As telecomunicações agora são apenas uma forma de processamento da informação; as tecnologias de transmissão e conexão estão, simultaneamente, cada vez mais diversificadas e integradas na mesma rede operada por computadores (THOMPSON, 1997).

Assim, a dimensão social da Revolução da Tecnologia da informação parece destinada a cumprir a lei sobre a relação entre a tecnologia e a sociedade: "A tecnologia não é nem boa, nem ruim e também não é neutra (...) é uma força que provavelmente está, mais do que nunca, sob o atual paradigma tecnológico que penetra no âmago da vida e da mente." (DIZARD, 1998, p.81)

4.2 - A UTILIZAÇÃO DA INTERNET NA ESCOLA

Num mundo de informações imediatas, tem de se pensar que as ferramentas tradicionais da sala de aula ainda são utilizados mas não suficientes. Longe dos preceitos behavioristas, entende-se que o aluno constrói ativamente o conhecimento, à medida que entendem suas experiências. Portanto, a aprendizagem é construtivista é ativa, centrada no aluno e tende a ser orientada por projetos. As teorias atuais colocam a tecnologia nas mãos do aprendiz, para ajudar no desenvolvimento de suas habilidades de ordem superior, permitindo-o pa mais tempo refletindo e compreendendo. O ambiente construtivista possibilita a solução de problemas, o raciocínio, o pensamento crítico e a utilização ativa do conhecimento. Além disso, considera a colaboração, a metacognição e a instrução centrado no aluno como elementos essenciais do ambiente de aprendizagem. A acessibilidade dos aprendizes a informações pelo uso da Internet permite que eles desenvolvam seus próprios estilos de recuperação e organização das informações. Utilizando a Internet como ferramenta, os alunos podem explorar ambientes, gerar perguntas e questões, colaborar, produzindo conhecimento, em vez de recebê-los passivamente (DIZARD, 1998).

De fato, a Internet oferece apenas uma sugestão do papel que as telecomunicações representam no cotidiano. A Internet ou, mais precisamente, o mundo dos computadores e das telecomunicações, do qual a Internet é apenas uma parte, está reestruturando a sociedade. É um fenômeno que desafia suposições diversas sobre como o mundo funciona.

Por meio das telecomunicações a aprendizagem sobre o mundo torna-se mais imediata, pessoal e real. Aprender torna-se um processo em evolução, em vez de um conjunto de tarefas. O sujeito aprende a definir suas necessidades de aprendizagem, encontrar informações, estimar seu valor, construir sua própria base de conhecimento e comunicar suas descobertas (MORIN, 1998).

Para lidar com a Era da Informação o sujeito deve se habilitar a gerenciar as informações por meio das tecnologias disponíveis transformando-as em conhecimento. A Internet torna-se realmente uma ferramenta de aprendizagem na medida em que o sujeito aborda um problema na vida real. A busca de soluções globais ou locais leva a conscientização e a envolvimento em projetos de ação social. A rede de computadores permite a aprendizagem cooperativa onde o trabalho em equipe se estrutura com o membro separado pela distância. Isto reflete a realidade da mudança no mundo atual (THOMPSON, 1998).

As estratégias cooperativas oferecem apoio e não se limitam a um espaço fechado, uma vez que as telecomunicações conectam todos com a comunidade e o mundo. A solução cooperativa de problemas, intercâmbio de formações e análises de dados de pesquisas envolvem e comprometem a todos. Uma das características da comunicação eletrônica é que sexo, raça, idade e características físicas são invisíveis. On-line, concentra-se no texto, no dizer, e não na aparência (DIZARD, 1998).

A WWW é fundamental para a maneira como a Internet está evoluindo para se tornar uma ferramenta para a aprendizagem. O correio eletrônico é

uma tecnologia relativamente simples, para enviar mensagens de um computador a outro. Apesar da atenção considerável dada à Web, pela mídia, o correio eletrônico é, para muitos, o principal palco da Internet (MORIN,1997) .

CAPÍTULO V

PESQUISA DE CAMPO

Este trabalho desenvolve uma pesquisa, junto a cem adolescentes de classe média, inferida pela sua alocação na rede privada de educação, explorando fatores particulares na formação da personalidade, expressas neste período.

Inferiu-se que o uso da Internet pode alterar algumas características do usuário, no que diz respeito a sua socialização, aprendizagem e a sua forma de comunicação com o mundo e consigo próprio.

O teste 16 PF de Catelle foi o instrumento de pesquisa utilizado, através do qual analisou-se traços da personalidade do adolescente, referentes a sua expansibilidade, emotividade, confiança em si próprio, dentre outras. É um teste de personalidade bastante usado atualmente, pela sua fácil aplicação e correção, e pela riqueza de conteúdos que são analisados.

Uma das hipóteses levantadas neste trabalho, é a de que os adolescentes que têm acesso a esta tecnologia, e que fazem uso exagerado

deste instrumento, têm alterados alguns traços pessoais ou desenvolvem formas diferentes de lidar com as diversas situações da vida. Outra hipótese levantada é a de que isto acontece, devido ao fato da Internet, priorizando o uso do “chat”, ou grupo de bate papos, estabelecer uma relação virtual com as pessoas que participam da conversa. Sendo um comunicador virtual, o adolescente pode conferir a si mesmo, qualquer característica que lhe é interessante, descartando aquelas que não são aprovadas por ele mesmo. Assim, não é necessário que ele se “mostre” como realmente é, permitindo se esconder atrás da máquina.

Foi levantada também a hipótese de que o uso contínuo, pode interferir de alguma forma, na criatividade, na inteligência e em outros fatores que constituem a personalidade do adolescente, que de algum modo ainda se encontra em formação.

Sem se levar em conta qualquer valoração subjetiva, foram levantados aspectos considerados socialmente positivos e negativos desta alteração de comportamento, procurando valorizar e reforçar aqueles positivos e encontrar formas de tentar extinguir aqueles considerados negativos.

Os resultados podem também servir de parâmetros, para uma possível orientação familiar, aos pais de adolescentes que apresentem distúrbios de comportamentos relacionados ao uso excessivo destas novas tecnologias.

5.2 – Análise dos Resultados

Com uma população de aproximadamente 180 mil pessoas, de acordo com o último censo, Divinópolis conta com uma grande rede de ensino de primeiro e segundo graus, além de Escolas de Ensino Superior.

O campo de pesquisa contemplou escolas particulares localizadas na região central, ligadas ao ensino médio. A população consistiu em adolescentes, estudantes destas escolas, com a faixa etária entre 16 e 18 anos, de classe média e média alta. Todos estudam na escola em período parcial, sendo que 50% deles fazem uso constante da Internet. Como grupo de controle, observamos os outros 50%, que não tem Internet em casa, e por isso, fazem uso restrito, ou não o fazem.

O grupo pesquisado, contou com 100 adolescentes selecionados a partir do questionário aplicado com o intuito de compor uma amostra e um grupo de controle, para comparação dos resultados esperados. Destes, 50 fazem uso constante de computadores, principalmente de Internet., sendo que o recurso mais utilizado por eles são as redes de busca e o “chat”, em que eles entram em contato geralmente com outros adolescentes, sendo mais comum o contato com o sexo oposto.

Foram distribuídos entre estes jovens um questionário abordando as seguintes questões:

- 1) Idade
- 2) Grau de Instrução
- 3) Você tem computador em casa, ligado na Internet?
- 4) Qual é a atividade de sua preferência dentro da Internet?

5) Quanto tempo você costuma ficar “navegando” na Internet, diariamente?

A pesquisa foi realizada utilizando como recurso para a coleta de dados, a administração do Teste de Personalidade 16 PF, conforme supra citado. O teste foi ministrado pelas professoras dos jovens, orientadas pela psicóloga autora desta produção. Os jovens foram selecionados pelos critérios de idade, escolaridade e vontade para responder ao teste. Puderam levar os questionários para suas casas, e responderem no momento em que tivessem maior disponibilidade. O questionário, uma vez respondido, foi devolvido para ser tabulado. Assim obtivemos as repostas aos nossos questionamentos.

Dentre os 16 fatores da personalidade enfocados pelo teste usado para a pesquisa, pode-se observar, que a grande maioria deles, enfocam a forma de ser do indivíduo, no que diz respeito a sua forma de agir no mundo, diante de determinadas situações.

Destacaram-se 5 fatores que falam da socialização do indivíduo e são eles: Fator A, Fator H, Fator L, Fator Q2 e Fator Q3.

O Fator B, vem focar o nível de inteligência do indivíduo, no que diz respeito ao seu potencial para realizar tarefas que exijam mais raciocínio e conhecimentos gerais.

O Fator C, enfoca a área afetiva do sujeito, ou seja, a forma do mesmo lidar com a sua afetividade, enquanto o Fator F, destaca principalmente o humor do examinando.

O teste enfoca em vários itens, o nível de confiança em si mesmo, que o testando apresenta, através do Fator O, Fator I, Fator E e Fator G.

Os outros fatores, ou sejam, o Fator M, o Fator N e o Fator Q1, parecem focar formas diferentes do examinando agir, em situações diversificadas.

Através desta pesquisa, observou-se que vários dados não se diferenciam muito em relação ao adolescente usuário de Internet, e os não usuários. Tivemos entretanto, diferenças curiosas no que diz respeito à sua socialização, ao nível de confiança em si mesmo, e uma pequena discrepância em relação à inteligência.

Os fatores ligados à socialização, indicam que os percentuais dos examinandos que usam a Internet com mais freqüência, se encontram aumentados em relação àqueles que não usam. Observa-se então, que os adolescentes usuários, são mais expansivos, mais desvoltos, mais auto-suficientes e, mais controlados em relação às suas emoções e ao seu comportamento em geral.

Sua expansibilidade é traduzida pela sua tendência a ser afável e complacentes. Porém mostram ser pouco responsáveis em relação ao cumprimento de suas obrigações. São desvoltos e desembaraçados, com um bom grau de sociabilidade, espontaneidade e riqueza nas reações emotivas. Mostram porém, certo descuido e imprudência em relação aos perigos. Independentes, por temperamento, costumam seguir seu próprio caminho, tomando suas próprias decisões sem levar em conta a opinião pública. Parece não necessitar do apoio das outras pessoas. Mostram forte

controle de suas emoções e de seu comportamento, demonstrando um grande “respeito próprio”. Porém mostram certa obstinação.

Já os adolescentes não-usuários da Internet, em sua maioria, traduziram um caráter mais voltado à frieza, preferindo trabalhar sozinhos. São rígidos na sua maneira de fazer as coisas. São pessoas mais acanhadas e reprimidas, com certo sentimento de inferioridade e certa inibição para falar e exprimir-se, principalmente em público. Mostram certa insegurança, pois necessitam da aprovação social. Por isso tendem a acompanhar o grupo, pois necessitam do apoio do mesmo.

O nível de auto confiança dos usuários assíduos da Internet, parece então se encontrar mais desenvolvido, pois eles se mostram mais ativos, expressivos e alegres, traduzindo uma capacidade de lidar com as coisas de forma mais tranqüila. Tendem a ser mais práticos, realistas e independentes, a ponto de se tornarem auto-suficientes e independentes, porém não reconhecem muito hierarquias e autoridade. Confirmou-se então, que um dos fatores principais que podem ser desenvolvidos através do uso constante da Internet, é o nível de auto confiança do sujeito, traduzido na sua forma de agir.

Em relação a inteligência encontramos uma sutil diferença entre os adolescentes testados. Parece que o usuário assíduo, tende a ser mais vivo e rápido em sua apreensão de idéias. Este fator se correlaciona, em grande parte, com o nível de cultura e vivacidade. Quando o adolescente está “navegando”, de certa forma, está adquirindo maior quantidade de informação através das novas informações que recebe pela Internet. Inferiu-

se que este fator, pode ser influenciador de um aumento no percentual de inteligência, adquirido pelo jovem deste grupo. Além disto, a inteligência necessita de certa forma, de ser desenvolvida através da experimentação. O computador, apresenta de várias maneiras, formas de se desenvolver a inteligência, no momento em que obriga o jovem a raciocinar mais para encontrar e encontrar caminhos diferentes de lidar com ela. Identificou-se ainda, várias áreas dentro da Internet, que desenvolvem mais o raciocínio do adolescente, através de jogos, quebra-cabeças e desafios a ser superados.

Com relação a área afetiva, o adolescente usuário da Internet, mostra uma leve tendência a manifestar-se emocionalmente mais estável e com visão mais realista, sugerindo um ego mais forte. Isto talvez aconteça, pelo nível de auto confiança estar mais desenvolvido, como foi colocado anteriormente.

Talvez por se sentir tão auto confiante, o adolescente usuário assíduo da Internet, parece ser uma pessoa com menor força de superego. Isto se traduz em sua esquivas das normas, sentindo-se com poucas obrigações. Não se empenha em empreendimentos coletivos e não se preocupa com as exigências da sociedade.

O adolescente não usuário, parece preocupar-se mais com o social, pois sendo mais inseguro, é mais ligado ao grupo e mais dominado pelo senso de dever. Não encontramos diferenças significantes nos dois grupos pesquisados, com relação aos Fatores M, N e Q1. Parece que os adolescentes em geral, são pessoas mais práticas. São mais naturais, não apresentando grandes polimentos, e geralmente tendem a ser mais

experimentadores e menos inclinados a moralizar, sendo mais tolerantes com as novas experiências. Conclui-se então, que em relação à socialização, os usuários assíduos de Internet, parecem ser pessoas mais seguras e com um maior espírito de liderança. São pessoas mais auto-suficientes, porém menos responsáveis.

Inferiu-se que o contato virtual constante, pode fortalecer no adolescente o nível de auto confiança, uma vez que o mesmo se expõe de forma tranqüila, sem o perigo de ser ameaçado. A insegurança vivida pelo adolescente em sua fase mais crítica, é amenizada pelo fato de se poder viver o personagem criado por si próprio, e através dele, conquistar uma auto confiança que pode ser estendida para a sua vida real. Isto pode modificar sua personalidade, no momento em que considera-se que a mesma ainda está sendo formada, e pode crescer dentro de bases mais seguras, mesmo que estas bases sejam formadas por uma segurança virtual.

Observou-se que os adolescentes que usam a Internet freqüentemente, são pessoas mais expansivas, e um pouco mais desenvolvidas intelectualmente. Possuem maior desenvoltura e são mais afirmativos. São pessoas mais persistentes e mais refinadas, mais seguras e mais auto-suficientes.

Existe, porém, neste sentido, um sinal de perigo eminente. Se o jovem usuário realmente apresenta esta tendência a se sentir mais auto-suficiente, conseqüentemente sente também menos necessidade de se inter-relacionar, no sentido de se apoiar no grupos. Inferimos uma certa tendência ao

isolamento, uma vez que o mesmo se sente completamente independente. Vimos nos resultados das pesquisas, que o jovem usuário assíduo, é um sujeito mais obstinado, menos ligado às leis, ou seja, com um superego mais fraco. Daí a sua onipotência que pode vir a gerar um comportamento anti-social.

Se observarmos o mundo atual, concluímos que há uma tendência crescente à diminuição do contato interpessoal. As pessoas tendem a restringir sua vida social, e o lazer, muitas vezes, fica restrito ao próprio lar. O computador supre necessidades de deslocamento, quando o homem não precisa sair de casa para ir ao banco, fazer compras, ir ao cinema ou ao escritório. A vida “on-line” supre todas estas necessidades, necessitando apenas de se apertar um pequeno botão para “conectar”. Conseqüentemente, o isolamento se torna cada vez mais preocupante. No momento em que o homem deixa o convívio real para conviver com um mundo virtual, corre o risco de criar para si, uma realidade que não existe. Neste mundo, tudo é criado a partir das necessidades próprias, o real passa a não fazer mais um papel importante, e as emoções são vividas a partir de uma fantasia.

Considera-se o progresso tecnológico de extrema importância para os indivíduos. Porém mais importante ainda, é a sua saúde mental, que de certa forma deriva de contatos sociais e vínculos reais.

Teme-se que os jovens, com o progresso cada vez maior das tecnologias, se tornem cada vez mais, dependentes de suas próprias

fantasias e dependentes crônicos de um mundo virtual, criado pela imaginação e operacionalizado pelo computador.

5.3 – DEMONSTRAÇÃO GRÁFICA DOS FATORES DO TESTE 16 PF

RESULTADOS DA PESQUISA

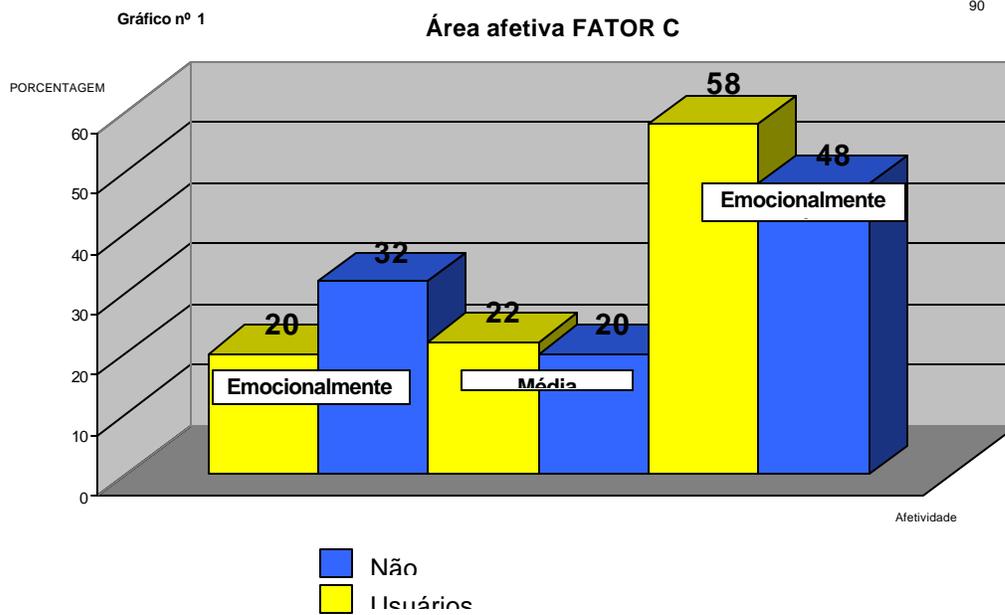
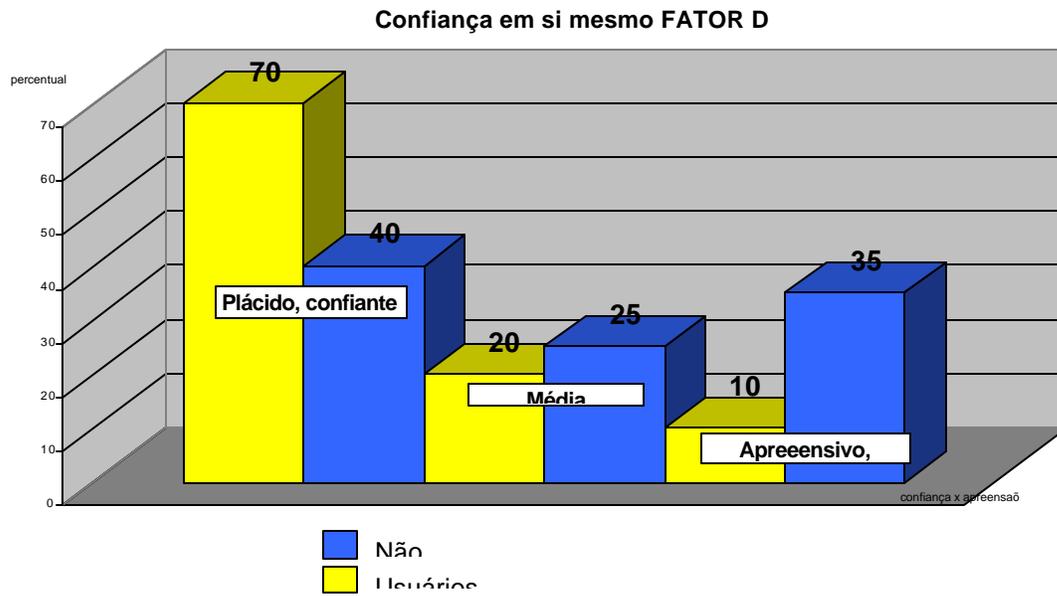


GRÁFICO Nº 2

91



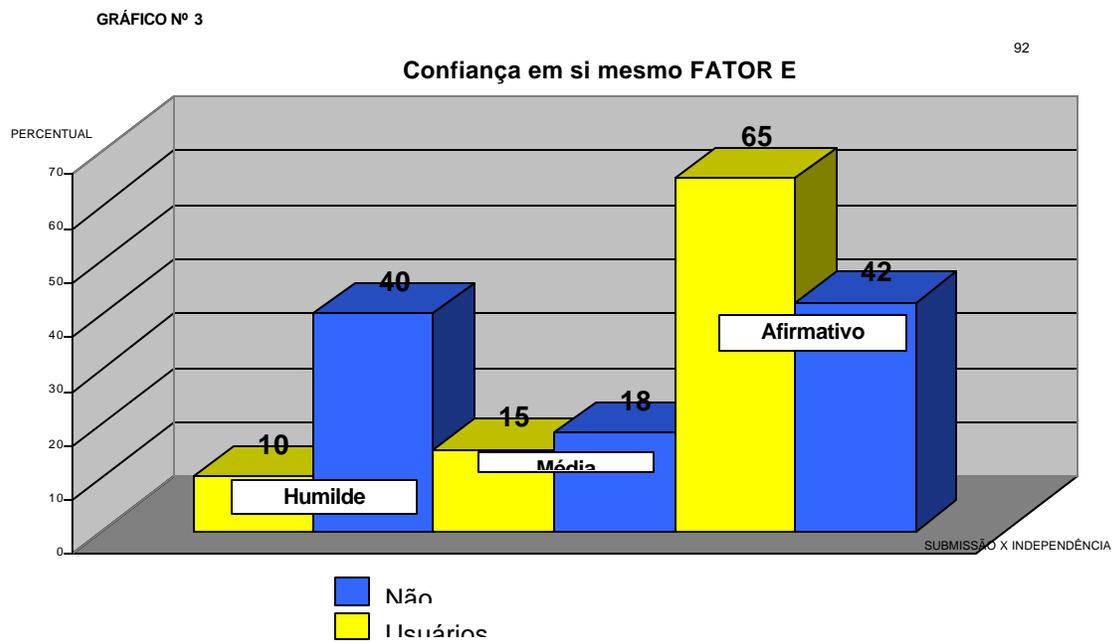


GRAFICO Nº 4

93

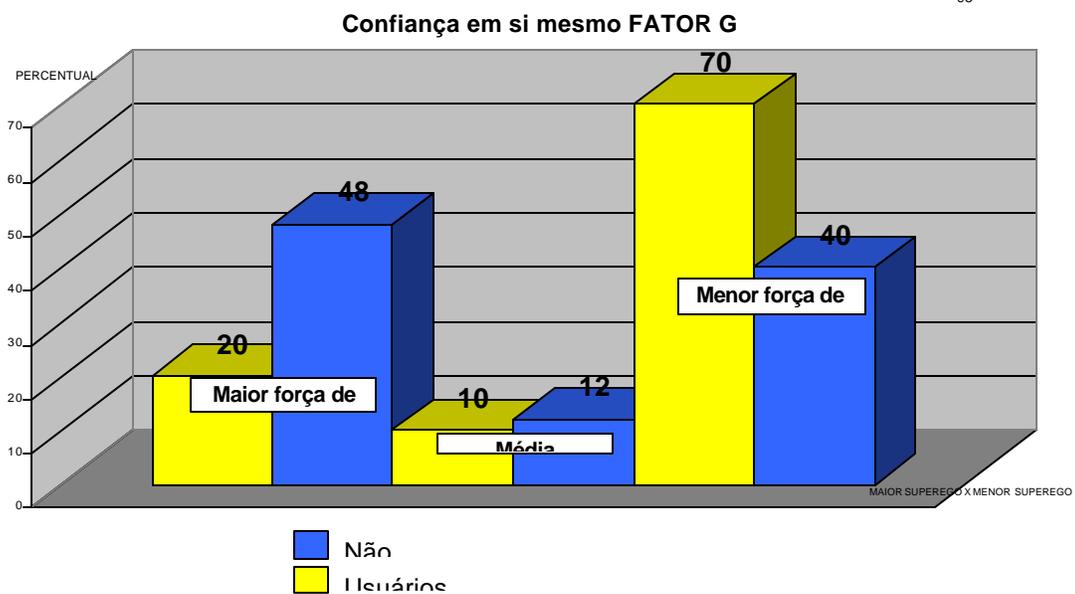


GRAFICO Nº 5

94

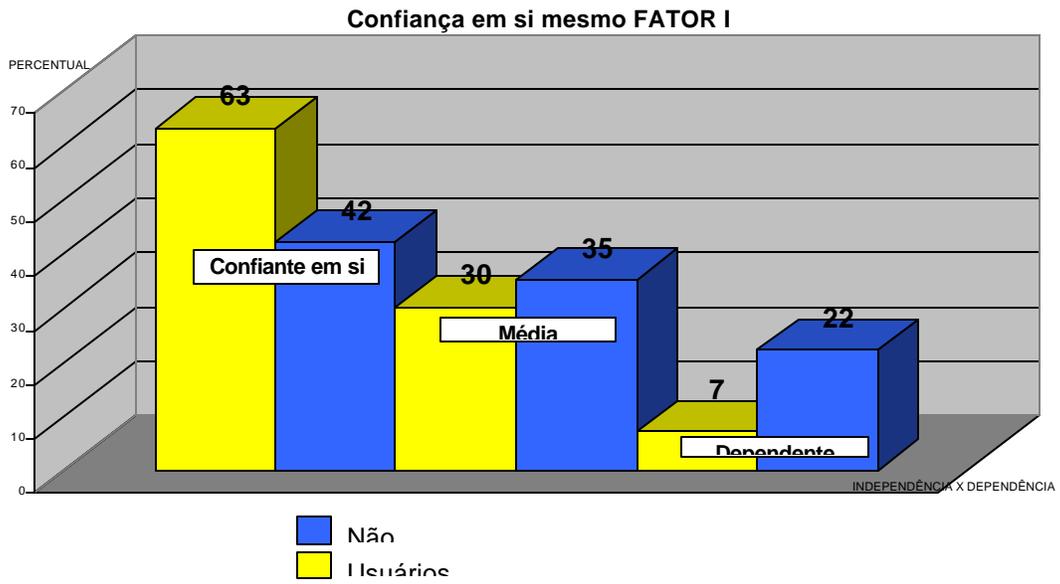


GRÁFICO Nº 6

95

Confiança em si mesmo FATOR L

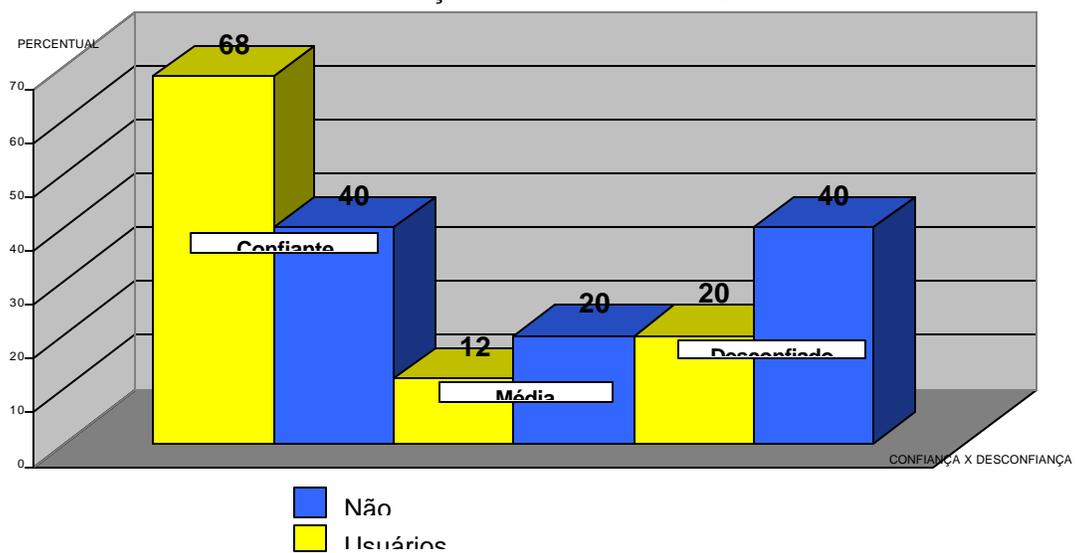


GRÁFICO Nº 7

96

Formas de agir FATOR M

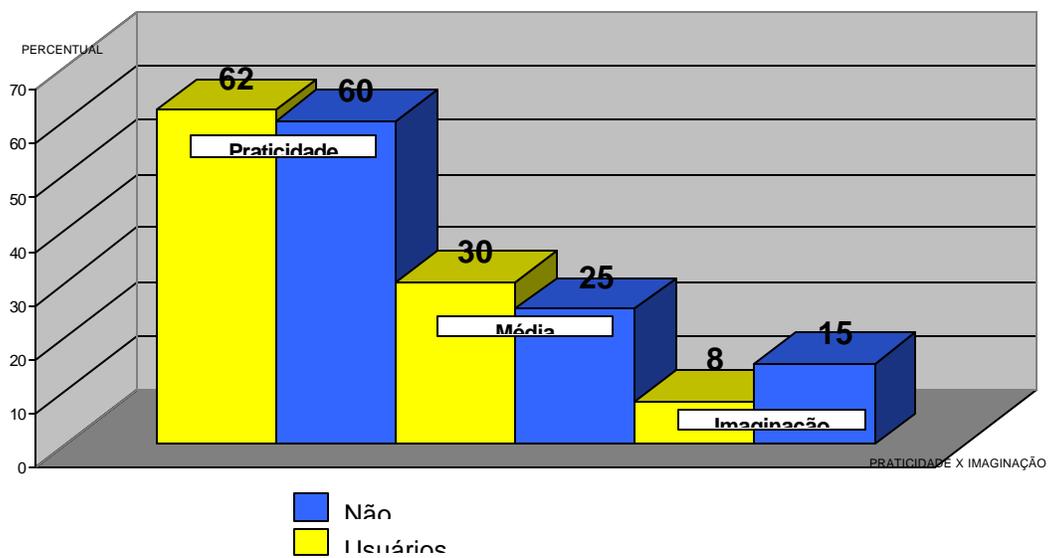


GRÁFICO Nº 8

97

Formas de agir FATOR N

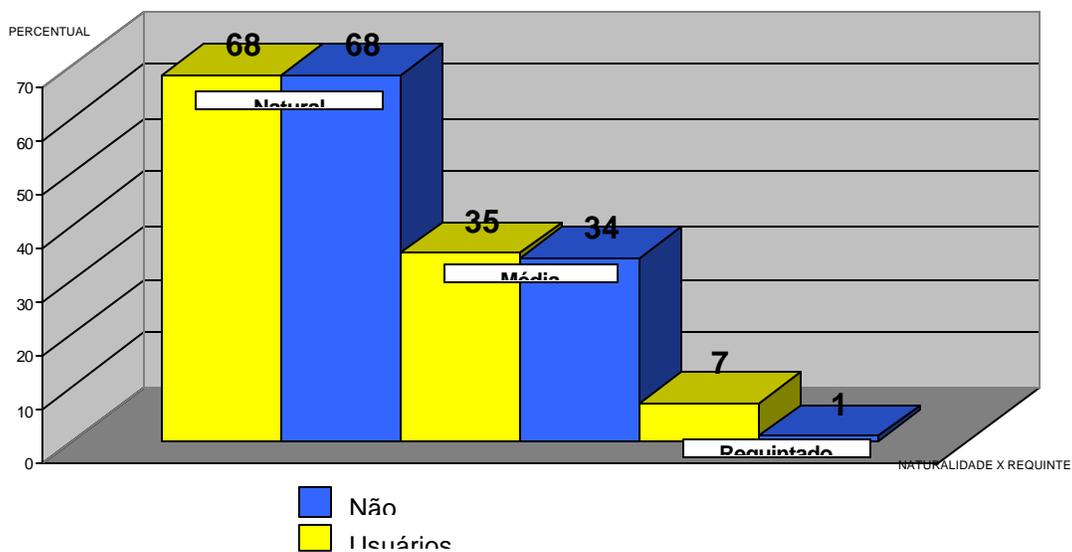


GRÁFICO Nº 9

Formas de agir FATOR Q1

98

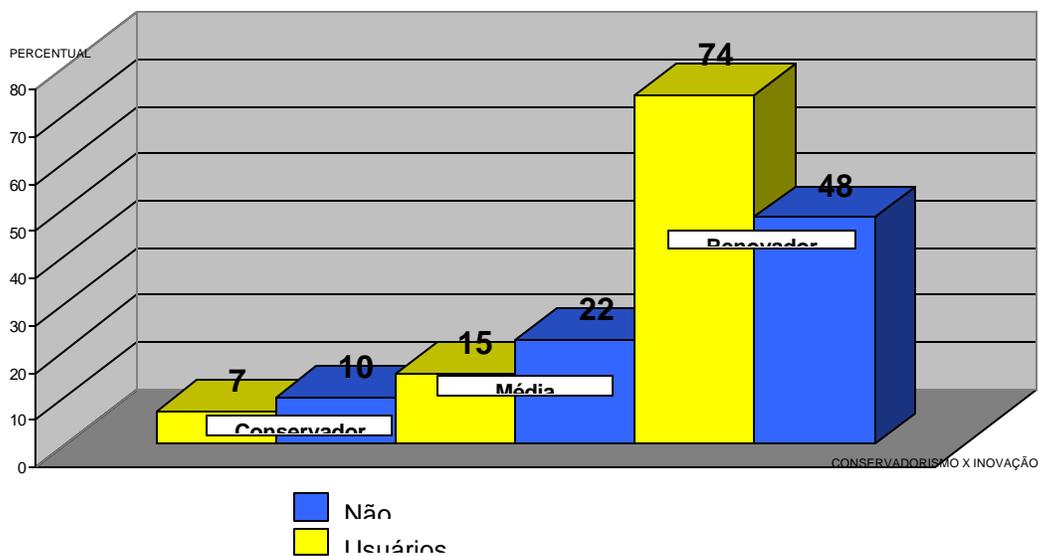


GRÁFICO Nº 10

Humor FATOR F

99

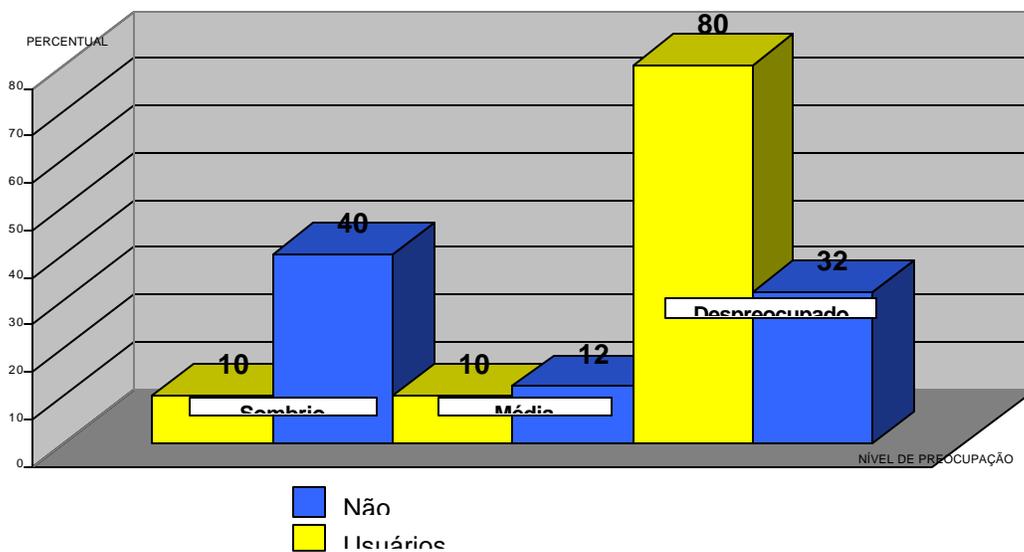


GRÁFICO Nº 11

Humor FATOR Q4

100

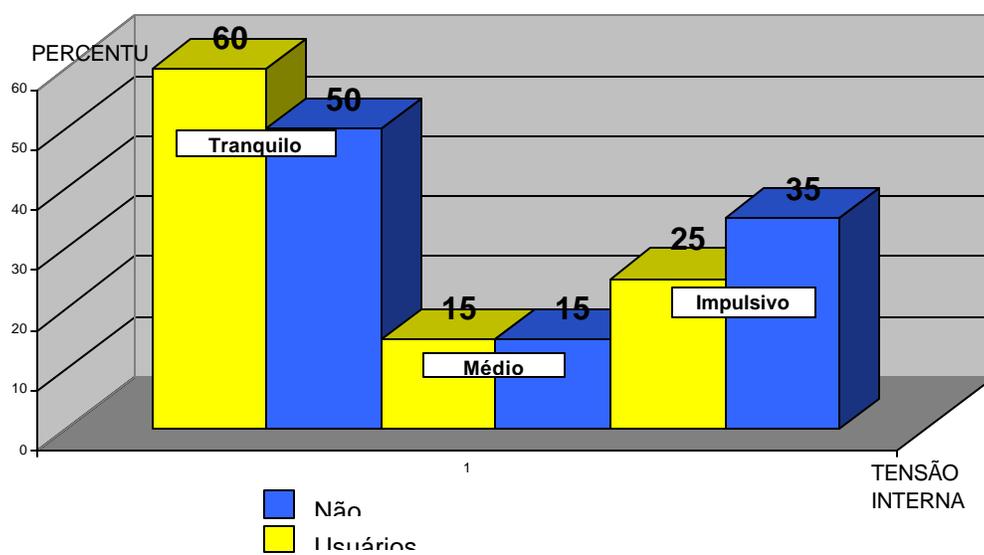


GRÁFICO Nº 12

101

Inteligência FATOR B

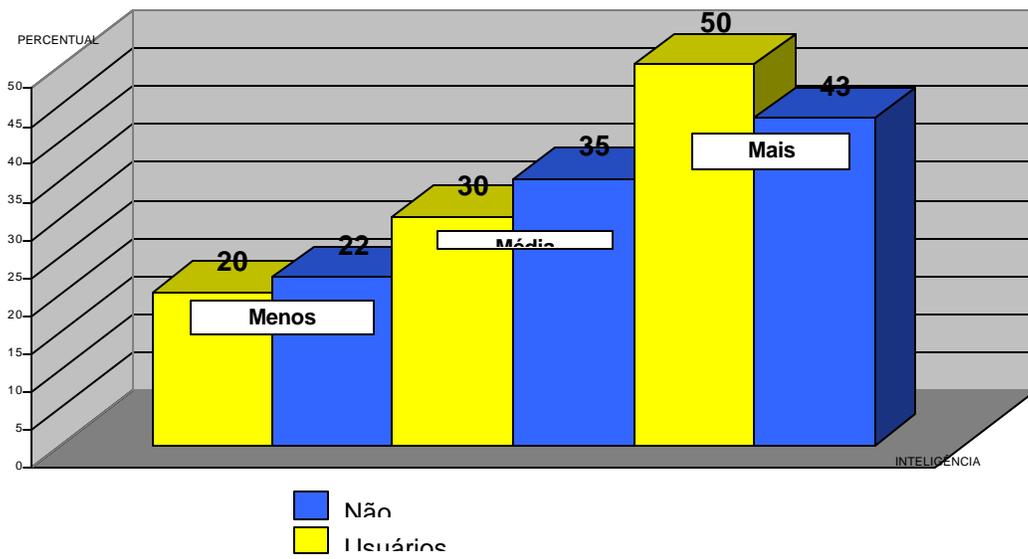


GRÁFICO Nº 13

102

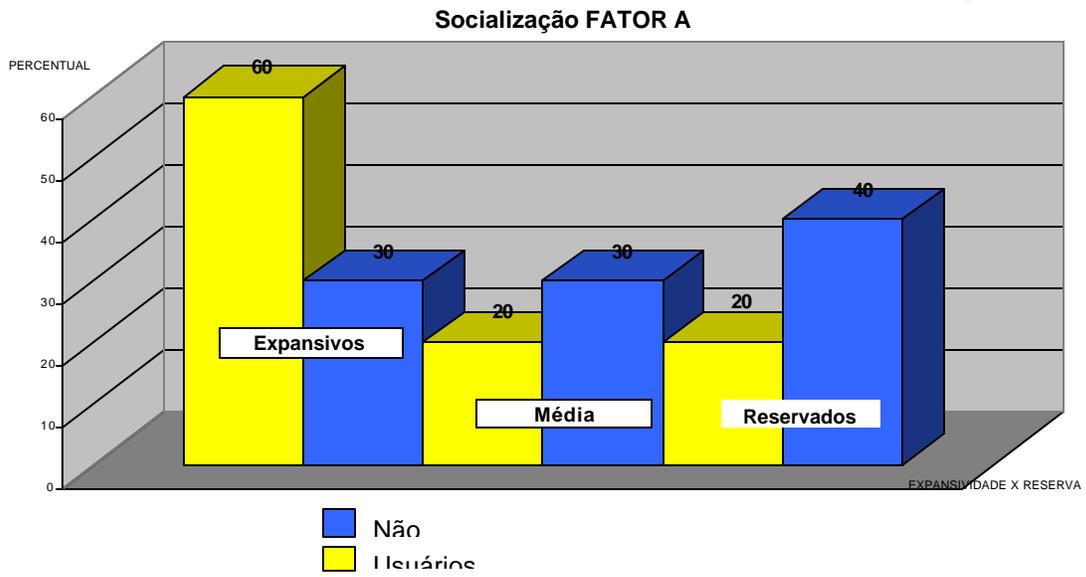


GRÁFICO Nº 14

Socialização FATOR H

103

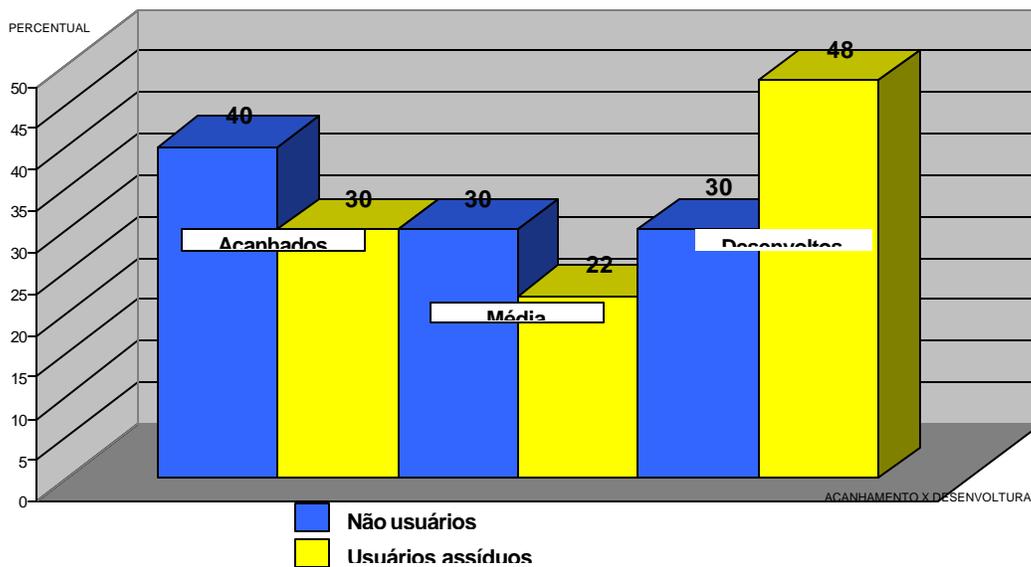


GRÁFICO Nº 15

104

Socialização FATOR Q2

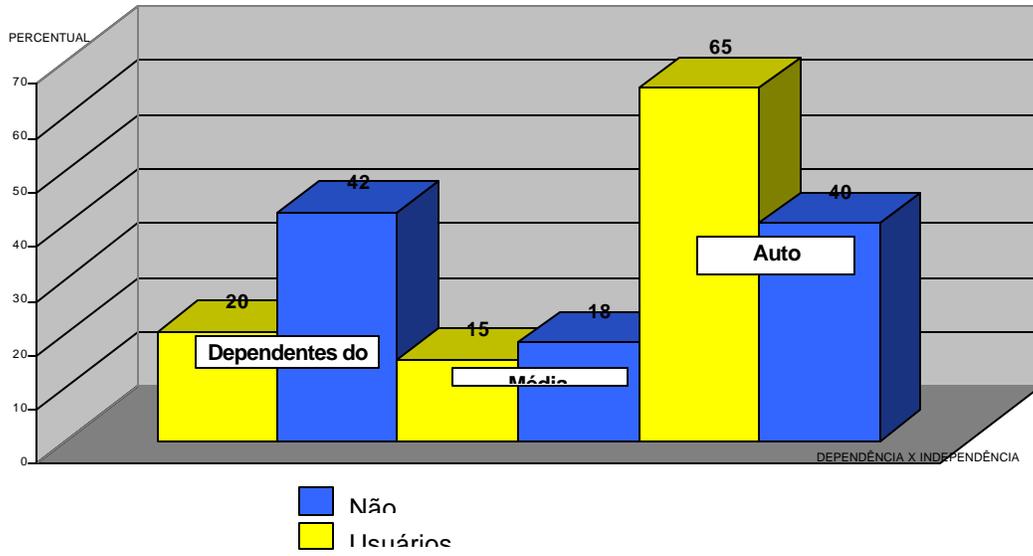
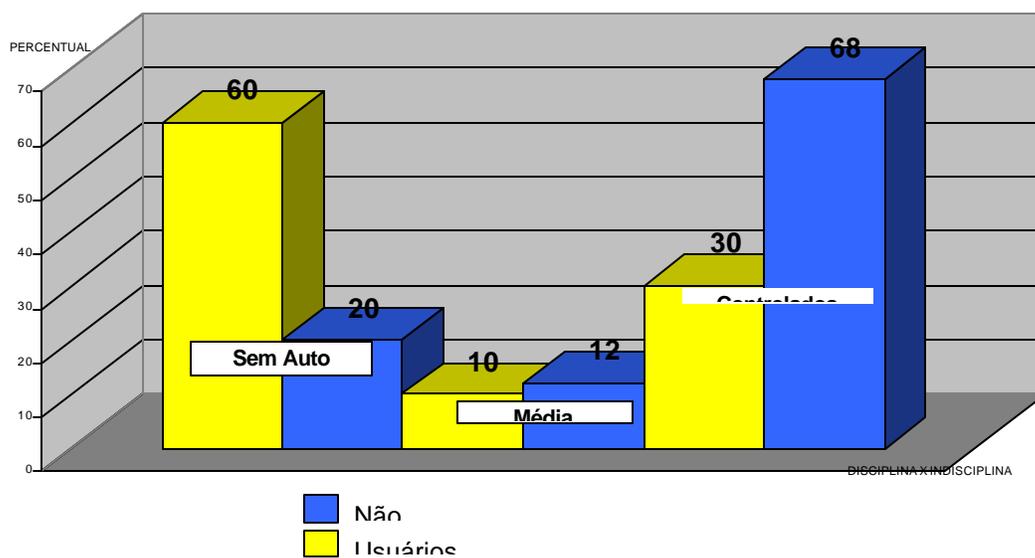


GRÁFICO N° 16

Socialização FATOR Q3

105



5.4 - DESCRIÇÃO E ANÁLISE DOS GRÁFICOS

O Gráfico nº 1, referente ao Fator C, nos dá uma visão sobre a capacidade do sujeito para enfrentar as frustrações decorrentes de condições insatisfatórias.

Entre os adolescentes usuários assíduos de Internet, a maioria se mostrou estável emocionalmente, apresentando uma visão mais realista do mundo. Entre os adolescentes não usuários, a maioria também mostrou-se estável emocionalmente, aumentando porém, a porcentagem dos que apresentaram instabilidade emocional.

O Gráfico nº 2, referente ao Fator D, fala de pessoas com tendência a serem mais confiantes em contrapartida a uma tendência à apreensão e preocupação. Os adolescentes usuários de Internet, na sua maioria, mostraram ser pessoas mais confiantes. Com uma pequena diferença, entre a auto-confiança e a preocupação. Os adolescentes não usuários, também se mostraram mais confiantes do que preocupados e apreensivos.

O Gráfico nº 3, referente ao Fator E, enfoca a tendência a ser independente e afirmativo, ou a ceder aos outros, sendo dócil e dependente. A maioria dos usuários assíduos de Internet, mostrou-se mais afirmativo, com uma pequena porcentagem apresentando sinais de humildade e submissão. Entre os não usuários, houve um equilíbrio no número dos adolescentes que emitiram um comportamento submisso e os que emitiram um comportamento mais independente.

O Gráfico nº 4, referente ao Fator G, enfoca o nível de consciência e responsabilidade, assim como a perseverança e o apego a normas, delimitando a força do superego. Uma grande maioria dos adolescentes usuários, apresentaram uma menor força de superego. Entre os não usuários de Internet, houve uma divisão equilibrada, no número dos adolescentes que apresentaram maior força de superego, e aqueles que apresentaram superego fragilizado.

O Gráfico nº 5, referente ao Fator I, enfoca o nível de confiança e tendência a ser prático e realista, firme, dura e convencido de suas próprias idéias. A maioria dos adolescentes, tanto usuários assíduos, como os não usuários, mostraram-se mais confiantes em si mesmos.

O Gráfico nº 6, referente ao Fator L, mostra a tendência a ser suspeitoso e desconfiado, e a levantar dúvidas em relação aos outros. A grande maioria dos adolescentes usuários assíduos de Internet, mostrou-se mais confiante, e menos desconfiado. Houve uma divisão equilibrada, entre o número de adolescentes que apresentaram tendência à desconfiança, e o número de adolescentes com maior nível de confiança nos outros.

O Gráfico nº 7, referente ao fator M, mostra a tendência ao formalismo e à praticidade, em contraposição, à informalidade e ao desinteresse dos problemas corriqueiros. A grande maioria, tanto dos adolescente usuários assíduos da Internet, quando dos adolescentes não usuários, mostrou uma maior tendência à praticidade e ao formalismo.

O Gráfico nº 8, referente ao Fator N, enfoca a diferença entre pessoas mais naturais e pessoas mais requintadas e analítica.

A maioria dos adolescentes, tanto usuários quanto não usuários de Internet, mostraram ser pessoas que agem de forma mais natural e espontânea.

O Gráfico nº 9, referente ao Fator Q1, mostra a tendência ao conservadorismo em contraposição à tendência à renovação e experimentação. A grande maioria dos adolescentes usuários de Internet, mostrou-se renovadora e crítica, enquanto aproximadamente a metade dos adolescentes não usuários apresentou esta característica.

O Gráfico nº 10, referente ao Fator F, mostra a tendência à impulsividade e ao entusiasmo, em contraposição à tendência à prudência e à sobriedade.

A grande maioria dos adolescente usuários de Internet, mostrou uma maior tendência à despreocupação, ao entusiasmos e à impulsividade, enquanto menos da metade dos adolescentes não usuários, demonstraram esta tendência.

O Gráfico nº 11, referente ao Fator Q4, fala da tensão interna do indivíduo, ou seja da tendência à se apresentar de forma tranquila e apática, em contra posição à tendência à frustração e irritação. A maioria dos adolescentes usuários assíduos de Internet, e a metade dos adolescentes não usuários demonstrou mais tranqüilidade do que tendência à impulsividade.

O Gráfico nº 12, referente ao fator B, enfoca a inteligência do indivíduo e a capacidade para apreender as idéias e para aprender rápido. Os adolescentes testados, de forma geral, mostraram-se mais inteligentes. Os usuários assíduos, obtiveram um pequeno percentual de inteligência, acima dos não usuários.

O Gráfico nº 13, referente ao fator A, dá a diferença entre pessoas indiferentes, críticas e frias, ou expansivas e participantes. Os adolescentes usuários assíduos, na sua maioria, mostraram ser mais expansivos, ao contrário dos não usuários, que se mostraram mais reservados e frios.

O Gráfico nº 14, referente ao Fator H, mostra a tendência a ser mais desembaraçado e ousado, contra uma tendência à repressão, acanhamento e timidez. Os adolescentes usuários assíduos de Internet, na sua maioria, demonstraram ser mais desenvoltos, enquanto os não usuários, mostraram uma tendência ao acanhamento e à repressão.

O Gráfico nº 15, referente ao Fator Q2, mostra a tendência à dependência do grupo em contraposição à tendência a ser auto-suficiente e independente. A maioria dos usuários assíduos mostraram ser pessoas mais auto-suficientes. Com uma pequena diferença, os adolescentes não usuários mostraram ser mais dependentes e aderentes as exigências grupais.

O Gráfico nº 16, referente ao Fator Q3, falam da tendência da pessoa a ser mais controlada e socialmente correta, em contrapartida a uma falta de preocupação pelas exigências sociais. A maioria dos adolescentes usuários mostraram ser pessoas sem auto-disciplina, ao contrário dos adolescentes não usuários, que se mostraram ser mais controlados e socialmente corretos.

CAPÍTULO VI

RECOMENDAÇÕES E CONCLUSÕES

Pelo trabalho desenvolvido, concluiu-se que os nossos jovens necessitam interagir com os progressos tecnológicos. O mundo atual não consegue sobreviver sem a tecnologia, e o homem, uma vez inserido dentro deste mundo, insere-se também nesta tecnologia. Não há como ignorar o progresso. Não há como negar a importância de se interagir com os computadores e com as redes, se ligando a distâncias incalculáveis em um piscar de olhos. O jovem fica fascinado diante das inúmeras possibilidades de exploração que surgem diante de seus olhos. Se fascina diante dos novos conhecimentos que adquire e vai fascinando com tudo de novo que lhe é apresentado. Começa a se tornar mais auto-confiante, mais auto suficiente, na medida em que se vê capaz de controlar todas as suas vontades através da tela do computador.

Através da pesquisa desta dissertação, conseguiu-se atingir os objetivos traçados, quando percebeu-se que a maioria dos jovens testados, não conseguem fazer uma referência do seu limite no uso do computador, assim como, dificilmente conseguem referenciar seus limites em todos os aspectos da

sua vida. Assim a máquina tem sido usada de forma abusiva, a ponto de alienar o jovem das outras atividades necessárias ao seu desenvolvimento. Entre elas, podemos citar como uma das principais, a socialização normal, ou seja, o contato real com o mundo e com as pessoas que o rodeiam. Este fator tem trazido malefícios aos jovens, pois os mesmos têm deixado para trás a sua vida social, em prol de uma auto-suficiência que o mesmo sente estar conquistando. Este uso excessivo, transforma então, a personalidade do adolescente, a medida que o aliena do convívio e muda sua própria auto-imagem. O adolescente modifica os seus comportamentos quando se percebe diferente do mundo, e pouco adaptado à ele.

Como dito anteriormente, o adolescente já não se sente muito adaptado ao mundo, pois não consegue mais se ver no papel de criança, e ainda não se adaptou à nova forma de adulto. Sente-se então um ser estranho em um mundo estranho. Isto contribui para tentar criar para si, uma imagem que o satisfaça e que o defenda de um lugar onde não consegue se encontrar. Criando uma nova auto-imagem calcada na pseudo segurança adquirida com o uso excessivo da tecnologia, o adolescente consegue se adaptar melhor. Porém, por outro lado, torna-se escravo imagem criada. Isto dificulta ao adolescente ser ele mesmo, agir de acordo com suas próprias características e suas próprias vontades, pois elas vão se perdendo entre a sua imagem real e a imagem do ser que ele próprio idealizou. Isto pode criar, um conflito interno, derivando um enorme sofrimento interior.

A insegurança do adolescente é característica de sua idade, e vivida por ele de forma dolorosa e angustiante. Isto facilita a perda do seu limite para delinear os prós e contras do uso abusivo de uma tecnologia como a Internet.

Prestando-se atenção à estes fatores, iremos perceber, que o jovem precisa, e até mesmo pede um limite externo, já que o mesmo ainda não foi internalizado totalmente. A questão do limite caminha juntamente com a questão da segurança. Para que ela seja internalizada, é necessário que exista concretamente, e que seja percebida e absorvida pelo adolescente. Esta é uma questão diretamente ligada aos pais, que vendo-se também perdidos diante de uma invasão tecnológica sem controle, não percebem as dificuldades dos filhos, e as mudanças que nele vão se processando, podendo causar malefícios irrecuperáveis.

A medida que o jovem tem diante de si, segurança e limite adequados, pode internalizar as leis, e se sentir um ser adaptado, diante de uma sociedade mais segura. Pode portanto, formar sua personalidade dentro de um campo mais seguro e mais real, podendo assim, ser ele mesmo, sem necessidade de criar um ser virtual, vivendo em um mundo de relacionamentos virtuais.

Não que a tecnologia seja maléfica ou que o jovem não deva se integrar ao mundo virtual. Apenas torna-se necessário não se esquecer jamais, de que o homem nasce em um mundo social, e só nos torna realmente humano, através do contato com o outro.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- . ABERASTURY, A. - *Adolescência*, P. Alegre, Artes Médicas, 5^a ed., 1990.
- . ABERASTURY, A e KNOBEL, M. - *Adolescência normal*, P. Alegre, Artes Médicas, 7^a ed., 1988.
- . American Psychological Association. (1981). *Ethical Principles Of Psychologists*. . . American Psychologist, 36, 633-638
- . ANASTASI, A. nne - *Testes Psicológicos*, SP, Editora Pedagógica e Universitária, 9^a ed., 1997.
- . BEZERRA JR, Benilto; AMARANTE, Paulo - *Psiquiatria Sem Hospício*, Rio de Janeiro: Relume -Domará, 1992.
- . _____ e URBINA, S. - *Testagem Psicológica*, Porto Alegre, Artmed, 2000.
- . BURTON, A. – *Teorias Operacionais da Personalidade*, RJ, Imago,
- . COOPER, Robert ; SAWAF, Ayman - *Inteligência Emocional*, Rio de janeiro; Campus, 7^a ed., 1997.
- . CRONBACH, L. - *Fundamentos da testagem Psicológica*. Porto Alegre, Artes Médicas, 5^a ed., 1996.

- . DIZARD, Wilson - *A Nova Mídia: a comunicação de massa na era da informação*, Rio de Janeiro, Jorge Zahar. 1998.
- . ERIKSON, Eric. - *Identidade, Juventude e Crise*, RJ, Guanabara, 1975.
- . FADMAN, James; FRAGER, Robert. - *Teorias da Personalidade*, SP, Harba, 1986.
- . FERRARI, Armando - *Adolescência. o Segundo Desafio*, Belo Horizonte, Casa do Psicólogo, 1996.
- . FERREIRA, A. - *Novo Dicionário da Língua Portuguesa*, Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 3ª ed., 1999.
- . FREUD, Sigmund - "Além do Princípio do Prazer". In *Obras Completas*, vol. XVIII, RJ, Imago, 2ª ed., 1982.
- . _____. - "Três Ensaios Sobre a Teoria da Sexualidade". In *Obras Completas*, vol. VII, Rio de Janeiro, Imago, 2ª ed., 1982.
- . FOUCAULT, Michel - *Doença Mental e Psicologia*, RJ, Tempo Brasileiro, 3ª ed., 1988.
- . GOLSE - *O desenvolvimento afetivo e intelectual da criança*, P. Alegre, Artmed, 1998.
- . HALL, Calvin; LINDZEY, Gardner. - *Teorias da Personalidade*, SP, EPU, vols. 1 e 2, 1984.
- . HEIDE ; STILBORNE - *Guia do Professor par a Internet*, Rio de Janeiro, Artes Médicas, 2000.
- . LODI - *A Entrevista: teoria e prática*, SP, Pioneira, 7ª ed., 1991.
- . MORIN, e. *Cultura de Massa no Século XX*. Rio de Janeiro: Forense, 2º ed., 1997.
- . MUSS, COLLEGE, - *Teorias da Adolescência*, São Paulo, Interlivros, 1971.
- . OSÓRIO, Luiz - *Adolescência Hoje*, Porto Alegre, Artmed, 2ª ed., 1992.

- . _____ . - *Evolução Psíquica da Criança e do Adolescente*, P. Alegre, Movimento, 1981.
- . OUTEIRAL, Joseph e cols. - *Infância e Adolescência*, Porto Alegre , Artes Médicas, 1982.
- . PIAGET, Jean. *O desenvolvimento da Inteligência na criança*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.
- . _____ . *Evolução Psíquica da Criança e do Adolescente*. Porto Alegre: Movimento , 1981.
- . RAPPAPORT, Clara R. (org.). - *A Idade Escolar e a Adolescência*, SP, EPU, 3^a ed., 1989.
- . _____ - *Psicologia do Desenvolvimento*. São Paulo: Vols. 1, 2 3 e 4, SP EPU, 5^a ed., 1982.
- . STRASBURGER,V. - *Os Adolescentes e a Mídia: impacto psicológico*. P. Alegre, Artmed. 1999.
- . THOMPSON, John B. *A mídia e a modernidade. Uma teoria da mídia*. Rio de Janeiro, Petrópolis: Vozes, 1998.
- . TUNDIS, S. e COSTA, N. - *Cidadania e Loucura*, RJ, Vozes, 3^a ed., 1992..
- . VYGOTSKY, LURIA, LEONTIEV - *A Formação Social da Mente*, SP, Cortez, 1988.
- . _____ - *Linguagem, Desenvolvimento e Aprendizagem*, SP, Ícone, 1988.

ANEXO

- Questionário da pesquisa

QUESTIONÁRIO DA PESQUISA

1. Idade _____

2. Escola _____

3. Grau de Instrução _____

4. Tem computador em casa ? _____

5. Qual o uso mais freqüente que você faz do seu computador ?

6. Com que freqüência você costuma acessar a Internet?

7. Qual o tipo de site que costuma acessar com mais freqüência?

8. Quantas horas por dia você costuma ficar em frente ao computador?
